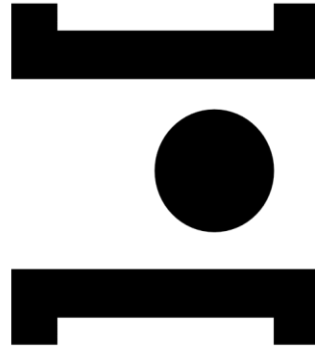


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

Estratégias do educador na adaptação das crianças ao pré-escolar

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Lúcia Maria Valador Mendes

Orientação:

Professor Doutor António Fernando Saldanha Portelada

julho, 2024

Agradecimentos

À medida que esta jornada acaba, gostaria de destacar e reconhecer o apoio valioso e o incentivo recebido nesta caminhada.

Aos meus pais e irmãs cujo apoio constante e sacrifícios incontáveis tornaram possível cada passo deste percurso académico. As palavras de encorajamento, orientação e crença foram fontes de inspiração.

Ao meu namorado, André, que nos momentos desafiantes esteve sempre ao meu lado, motivando-me a seguir em frente com determinação. O seu apoio emocional e compreensão tornaram esta caminhada mais leve e significativa.

À Mónica, cujo apoio, amizade e paciência foram fundamentais para a concretização deste relatório. Sou muito grata por ter uma amiga tão dedica e solidária ao meu lado, durante todos estes anos que somos amigas.

Ao professor doutor António Portelada, pela partilha de conhecimentos e ferramentas, pela orientação, pela atenção, pela ajuda e pelo tempo disponibilizado.

A todas as minhas colegas, que ao longo destes anos estiveram presentes e me ajudaram a progredir mostrando apoio e amizade.

Às educadoras cooperantes que me acolheram durante os períodos de estágio. Agradeço por partilharem comigo não só o seu conhecimento, mas também por abrirem as portas das suas salas e permitirem que conhecesse a sua prática pedagógica de forma tao enriquecedora.

A todas as pessoas que se cruzaram no meu caminho durante este período e que, de alguma forma contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todos e a todas o meu muito obrigada!

Acrónimos/Siglas

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família

CSIS – Centro Social Interparoquial de Santarém

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

NEE – Necessidades Educativas Específicas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Resumo

A adaptação das crianças ao pré-escolar é uma etapa fundamental que requer atenção e estratégias específicas por parte dos/as educadores/as. Para estabelecer um ambiente favorável ao desenvolvimento infantil é benéfico a colaboração entre a família e a escola neste processo, que pode ser desafiador.

Com base nos desafios e estratégias dos/as educadores/as na adaptação das crianças ao contexto pré-escolar foi realizada uma investigação que visa proporcionar novas perspetivas sobre este período essencial para o desenvolvimento das crianças. Trata-se de um estudo de cariz qualitativo, com o objetivo de perceber qual o papel do/a educador/a no processo de adaptação das crianças ao pré-escolar, compreender a importância dos pais neste processo de adaptação e estabelecer algumas formas de facilitar a adaptação das crianças. Este teve a participação de três educadoras e 21 crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram a observação direta, as entrevistas e uma atividade realizada com as crianças.

Os resultados apresentados destacam a importância de os/as educadores/as adotarem uma abordagem ampla e centrada na criança. Isso implica priorizar a flexibilidade, o que requer um conhecimento sobre as necessidades individuais de cada criança, promovendo um trabalho individualizado. Além disso, ressalta-se a relevância da colaboração entre a família e a escola, esta parceria é essencial para partilhar informações sobre o desenvolvimento e as necessidades das crianças, possibilitando uma abordagem mais completa e eficaz no processo educativo.

Reconhecendo a importância dos educadores e das famílias na adaptação das crianças ao pré-escolar, é crucial oferecer estratégias para facilitar esta transição. Estas estratégias devem ser baseadas numa abordagem centrada no bem-estar das crianças nesta fase inicial da aprendizagem.

Palavras-Chave: Adaptação ao pré-escolar; Papel do educador; Papel da família; Bem-estar.

Educator strategies in the adaptation of children to preschool

Abstract

The adaptation of children to preschool is a fundamental stage that requires attention and specific strategies on the part of educators. To establish an environment conducive to child development, collaboration between the family and the school is beneficial in this process, which can be challenging.

Based on the challenges and strategies of educators in adapting children to the pre-school context, research was carried out to provide new perspectives on this essential period for children's development. This is a qualitative study, with the objective of understanding the role of the educator in the process of adaptation of children to preschool, understanding the importance of parents in this adaptation process and establishing some ways to facilitate the adaptation of children. It had the participation of three educators and 21 children, aged between three and six years. The data collection instruments used were direct observation, interviews and an activity carried out with the children.

The results presented highlight the importance of educators adopting a broad and child-centred approach. This implies prioritizing flexibility, which requires knowledge about the individual needs of each child, promoting individualized work. In addition, the relevance of collaboration between the family and the school is highlighted, this partnership is essential to share information about the development and needs of children, enabling a more complete and effective approach to the educational process.

Recognizing the importance of educators and families in adapting children to preschool, it is crucial to offer strategies to facilitate this transition. These strategies should be based on an approach focused on children's well-being at this early stage of learning.

Keywords: *Adaptation to preschool; Role of the educator; Role of the family; Well-being.*

Índice Geral

Introdução	1
Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas	2
1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	2
1.1. Caracterização da Instituição	2
1.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala	3
1.3. Projeto de Intervenção.....	5
1.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica em Contexto de Creche.....	6
2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	8
2.1. Caracterização da Instituição	8
2.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala	9
2.3. Projeto de Intervenção.....	10
2.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica.....	12
3. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	13
3.1. Caracterização da Instituição	13
3.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala	13
3.3. Projeto de Intervenção.....	16
3.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica.....	18
Parte II – Exercício Investigativo	20
1. Contextualização	20
2. Enquadramento Teórico	20
2.1. A adaptação das crianças ao Pré-Escolar	20
2.2. O papel do educador no processo de adaptação das crianças ao Pré-Escolar.....	22
2.3. A importância dos pais no processo de adaptação	25
2.4. Formas de facilitar a adaptação das crianças	26
3. Metodologia	28
3.1. Tipo de Estudo.....	28
3.2. Questão de Investigação e Objetivos.....	29
3.3. Participantes.....	29

3.4. Instrumentos de recolha de dados	29
3.5. Processos de recolha de dados.....	30
3.6. Ética na Investigação.....	30
4. Apresentação da análise e discussão dos resultados	31
4.1. Análise e discussão do guião de observação de duas crianças em período de adaptação ao pré-escolar.....	31
4.2. Discussão dos resultados das entrevistas realizadas às educadoras	33
4.3. Atividade “Formigueiro Coletivo”	44
5. Conclusão do Exercício Investigativo	48
6. Reflexão Final.....	51
Referências Bibliográficas	54
Anexos.....	57
Anexo I - Guião de observação de duas crianças em período de adaptação	57
Anexo II - Guião de observação de duas crianças em período de adaptação (Completo)	58
Anexo III - Guião das entrevistas	63
Anexo IV - Entrevistas às educadoras.....	63
Anexo V - Autorização de imagens	75
Anexo VI - Categorização das entrevistas às educadoras	76

Índice de figuras

Figura 1 – Crianças a amachucar folhas de papel de jornal	5
Figura 2 - Crianças a passar pelo escorrega	6
Figura 3 – Criança a passar pelo túnel	6
Figura 4 – Criança a colar a bola numa fita suspensa	6
Figura 5 - Construção do aqueduto	11
Figura 6 - Aqueduto.....	11
Figura 7 - Conjunto do Liso.....	17
Figura 8 - Conjunto do Rugoso	17
Figura 9 – Separação de materiais lisos e rugosos	18
Figura 10 - Pintura de formigas.....	45
Figura 11 - Colagem de pedaços de folhas.....	45
Figura 12 - Pintura do cenário	46
Figura 13 - Formigueiro Coletivo.....	46

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Rotina da Creche	4
Tabela 2 - Rotina do Jardim de Infância.....	10
Tabela 3 – Organização dos tempos letivos e não letivos	15
Tabela 4 - Organização do período de adaptação	76
Tabela 5 - Procedimentos e práticas utilizadas para promover a adaptação.....	77
Tabela 6 - Colaboração com os pais.....	77
Tabela 7 - Principais dificuldades das crianças.....	78
Tabela 8 - Integração de crianças maior dificuldade	79
Tabela 9 – Promover a independência desde o início	80
Tabela 10 - Apresentação das rotinas para que as crianças se sintam seguras e para que compreendam o dia a dia.....	81
Tabela 11 - Desafios ou resistências à adaptação	82
Tabela 12 - Avaliação contínua do processo de adaptação.....	83

Introdução

O presente documento foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, mais especificamente na Unidade Curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada e nele são explorados os conteúdos e aprendizagens mais significativas adquiridas ao longo das práticas de ensino supervisionada, sendo estas realizadas na cidade de Santarém em contexto de creche e jardim de infância. Este relatório tem como objetivos desenvolver capacidades investigativas no âmbito da prática de ensino supervisionada, aplicar conhecimentos obtidos sobre métodos e técnicas de investigação em educação, organizar e analisar os dados recolhidos no decorrer dos estágios e elaborar reflexões fundamentadas e pertinentes do conhecimento profissional e da prática educativa.

As transições envolvem ajustes de comportamento devido a mudanças nos ambientes sociais em que vivemos. Para as crianças que frequentam instituições educativas, a transição do ambiente familiar para o escolar é um acontecimento diário significativo. O acolhimento diário das crianças por parte dos/as educadores/as desempenha um papel crucial neste processo, ajudando na sua adaptação. Os docentes e os pais/famílias preocupam-se como as crianças enfrentaram esta mudança e é essencial dar uma atenção especial a elas durante este período, transmitindo uma perspetiva positiva da transição (Silva et al., 2016).

A minha decisão de investigar este tema foi influenciada pela minha curiosidade. Sempre me interessei pelo processo inicial de adaptação das crianças à creche e ao pré-escolar, especialmente porque tive poucas oportunidades de testemunhar esta fase crucial nas suas vidas. No entanto, durante o último estágio, tive a possibilidade de vivenciar esse momento e observar de perto as estratégias adotadas pela educadora para integrar todas as crianças. Ao testemunhar esta dinâmica e os desafios enfrentados pela educadora, fui motivada a explorar mais este tema e procurar maneiras de contribuir para o desenvolvimento de práticas inclusivas e acolhedoras das crianças nesta fase de transição.

Relativamente à estrutura deste relatório, este é constituído por duas partes distintas. Na primeira parte, será apresentada de forma sintética as práticas pedagógicas realizadas no decorrer do mestrado, sendo esta parte constituída pela caracterização da instituição, a organização do ambiente educativo, o projeto de intervenção e uma reflexão sobre a prática. A segunda parte diz respeito ao exercício investigativo, começando com um enquadramento teórico que fornece uma base conceitual e contextual para o estudo. Segue-se então a metodologia do estudo, que descreve as abordagens utilizadas para a recolha de dados e a análise dos dados de forma sistemática. Seguidamente é apresentada a conclusão do exercício investigativo e a reflexão final que fornece uma síntese dos principais pontos abordados e, uma reflexão pessoal sobre o percurso durante as práticas pedagógicas e o processo de pesquisa. Para finalizar são apresentadas as referências bibliográficas e os anexos.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionadas

1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

No contexto do mestrado em Educação Pré-Escolar, foi realizado um estágio com a duração de cinco semanas numa sala com crianças de um ano de idade. A prática pedagógica ocorreu entre 7 de dezembro de 2022 a 13 de janeiro de 2023, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Vale ressaltar que, este estágio aconteceu apenas três dias por semana.

Segundo Marques et al. (2024) uma creche é uma instituição destinada ao cuidado e educação de crianças até aos três anos de idade. É um ambiente projetado para proporcionar um espaço seguro e estimulante onde as crianças podem aprender, explorar e interagir com outros. Os educadores de infância desempenham um papel fundamental nestas instituições, assumindo uma relevância e responsabilidade especiais na garantia do direito à educação de qualidade para as crianças.

A creche tem como objetivos: o auxílio do equilíbrio entre a vida profissional e a familiar, oferecendo um ambiente seguro e estimulante para as crianças, permitindo que os pais possam trabalhar com tranquilidade; estabelecer uma parceria com as famílias, compartilhando responsabilidades e cuidados ao longo do desenvolvimento das crianças; oferecer um atendimento personalizado e adaptado às necessidades individuais de cada criança; identificar sinais de dificuldade ou situações de risco, garantindo a orientação adequada para intervenções necessárias; criar um ambiente seguro e acolhedor que promova o desenvolvimento integral da criança, tanto físico quanto emocional; e por fim, fomentar a cooperação com os outros serviços da comunidade, visando fornecer o apoio integral às famílias e às crianças (Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, 2011).

1.1. Caracterização da Instituição

A primeira Prática de Ensino Supervisionada foi realizada numa Creche do Centro Social Interparoquial de Santarém (CSIS). A instituição é constituída por cinco unidades dispersas pela cidade, sendo elas: Centro de Dia, Apoio Domiciliário, Lar de Idosos, Creche e Jardim de Infância. Recebe crianças dos três meses aos seis anos de idade, sendo estas distribuídas pelas valências de creche e pré-escolar (Centro Social e Interparoquial de Santarém, 2019).

Através de observação direta, aferiu-se que no espaço interior deste estabelecimento, na valência de creche existia a sala de berçário, a sala de um ano, a sala de dois anos, o refeitório apenas para a sala de um ano e a copa comum às salas de berçário e de um ano. A valência de jardim de infância era composta pelas salas dos três anos, dos quatro anos e

dos cinco anos. Existia também um refeitório comum a todas as salas de jardim de infância e à sala dos dois anos, da creche. No espaço exterior, existia um local destinado para as crianças brincarem, embora que no tempo que ocorreu o estágio nunca foi utilizado.

1.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala

1.2.1. Organização do Grupo

Em relação ao grupo de crianças, este era constituído por 15 crianças com idades compreendidas entre um e três anos de idade, sendo nove do género feminino e seis do género masculino. Neste grupo existia uma criança com Necessidades Educativas Específicas (NEE) que, em conversa com a educadora, disse que deveria ter uma pessoa a 100% do tempo para a acompanhar, visto que tinha paralisia cerebral e não falava, não andava e tinha dificuldades para comer. Não sendo isso possível a educadora responsável e as ajudantes de ação educativa asseguravam o seu bem-estar. Esta criança não verbalizava e não se conseguia sentar sozinha, como as restantes crianças, por isso possuía duas cadeiras próprias para que pudesse fazer as refeições e estar com o restante grupo na sala. Existia uma criança indiana, que apesar de ser umas das mais novas, tinha algumas dificuldades em entender o português, pois os pais apenas falavam inglês em casa.

Algumas das crianças já conseguiam partilhar brinquedos e brincar em conjunto, como por exemplo, dançar a pares ao som de uma música. As crianças prestavam atenção, gostavam muito de ouvir histórias e canções e tinham o devido cuidado com a criança com NEE. Este grupo mostra interesse e curiosidade em relação a experiências novas, mas a maior parte não verbalizava, embora que, algumas delas já conseguiam dizer algumas palavras isoladas.

1.2.2. Organização do Espaço

A sala onde foi realizado este estágio denominava-se “Sala Laranja” e pertencia às crianças de um ano, era composta por uma educadora de infância, duas auxiliares de ação educativa e 15 crianças. A sala era constituída por uma casa de banho onde era feita a higiene e por uma despensa onde eram armazenados muitos brinquedos e os catres para as crianças fazerem a sesta. Esta tinha ainda um espaço amplo onde as crianças podiam brincar livremente, nesse espaço existia: um espelho; três tapetes acolchoados, sendo um deles maior que os outros, pois servia para as crianças se juntarem para cantar a canção do “Bom dia”, comerem o lanche do meio da manhã e para ouvirem histórias, os outros dois tapetes

eram usados para as crianças brincarem e para serem colocados na casa de banho para elas se sentarem e aguardarem pela sua vez de fazer a higiene; uma prateleira com livros e diversos brinquedos; dois cestos com bolas, bonecos e diversos outros brinquedos, que eram colocados na sala nos momentos de brincadeiras das crianças e retirado durante a sesta e durante o almoço.

De acordo com a educadora, e tal como referido no Projeto Pedagógico da sala intitulado de “Educar através da música”, este rege-se pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), deste modo, as finalidades educativas são: o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento pessoal e social, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento motor – Motricidade grossa e fina (Silva, 2022).

1.2.3. Organização do Tempo

Na tabela que se segue, é apresentada a estrutura da organização do tempo e a rotina diária da creche. Este horário proporciona uma estrutura organizada, desde a hora de chegada das crianças até à hora de saída, incluindo momentos de brincadeiras livres e orientadas, refeições, higiene pessoal e descanso.

Tabela 1 - Rotina da Creche

Horário	Atividades
07h30	Abertura da escola
07h30 – 09h00	Acolhimento
09h00 - 09h30	Atividade livre/autodirigida
09h30 - 10h00	Hora da canção do “Bom Dia” e de comer pão
10h00 - 10h30	Atividade livre/autodirigida ou dirigida
10h30 - 11h00	Arrumar a sala e higiene
11h00 - 11h30/11h45	Almoço
12h00 - 14h15	Sesta
14h15 - 14h45	Higiene
15h00 - 15h30	Lanche
15h30 - 18h00	Atividade livre/autodirigida
18h00 - 19h00	Acolhimento

A gestão do tempo na sala seguia estritamente a tabela previamente mostrada, não existindo qualquer flexibilidade nos horários ou na rotina estabelecida. Todas as atividades

eram rigidamente cumpridas dentro dos prazos determinados, sem ter consideração pelas circunstâncias ou necessidades individuais de cada criança.

1.3. Projeto de Intervenção

É importante referir que a duração deste estágio foi de apenas 12 dias interruptos, pelo que não foi suficiente para a recolha de dados, de modo a completar o projeto educativo. Devido a isso, será apresentado apenas um exemplo do que seria de esperar constar no mesmo.

O projeto educativo, foi orientado de acordo com as orientações presentes no livro “Avaliação em Creche”, de Carvalho e Portugal (2017). O projeto começou por uma caracterização geral do contexto em que se situa a creche, ou seja, características da comunidade, as características e as expectativas das famílias, os recursos da comunidade em torno do local onde se situa a instituição e uma caracterização geral do grupo de crianças. Nesta última caracterização, foram abordados os níveis de bem-estar de cada criança, assim como, o seu nível de implicação, que foram definidos como alto, médio, baixo, e não perceptível. Depois foi descrito em que é que cada criança se envolvia e no que não se envolvia, por fim existia uma coluna de comentários, onde era colocado quais as crianças que já verbalizavam e as que ainda não o faziam. De seguida foi feita uma breve análise e reflexão acerca do grupo e do contexto, em que foi abordado o que agradava e o que preocupava em relação ao grupo, à oferta da sala/creche, ao espaço para iniciativa, à organização e ao estilo do adulto.

Este projeto tinha ainda uma planificação para o grupo em que, de um modo geral, tinha iniciativas ou ações a desenvolver relativamente aos pontos descritos acima. Por fim, foi traçado um plano individual apenas de uma criança, como exemplo do que seria feito este projeto tivesse continuação. Neste plano, para além dos níveis gerais de bem-estar e de implicação, foi feita uma caracterização geral, foi ainda ressaltado os pontos fortes e os aspetos a melhorar. É importante que seja feita uma avaliação da implementação das iniciativas propostas, de modo a rever o plano proposto e a avaliar se as propostas implementadas possibilitaram atingir os objetivos definidos.

A educadora permitiu-nos a realização de algumas atividades, será destacada apenas uma, como exemplo. Na atividade desenvolvida, as crianças tinham de amachucar uma folha de jornal de modo a formar uma bola (figura 1), com essa bola fizeram um percurso, na qual tinham de passar por um escorrega (figura 2) e por um túnel (figura 3) até chegarem ao final e colarem a bola numa fita adesiva suspensa (figura 4). Os objetivos



Figura 1 – Crianças a amachucar folhas de papel de jornal

passaram por estabelecer relações com os pares, desenvolver a expressão do corpo, entre outros.



Figura 2 - Crianças a passar pelo escorrega



Figura 3 – Criança a passar pelo túnel



Figura 4 – Criança a colar a bola numa fita suspensa

Refletindo sobre a atividade, as crianças mostraram-se bastante recetivas ao ir para o escorrega, no entanto, algumas delas tiveram medo de entrar dentro do túnel. A atividade poderia ter sido feita de forma mais exploratória, na medida em que as crianças poderiam brincar e explorar livremente os materiais, sendo que na parte de colar a bola de papel na fita adesiva, iriam ser chamadas uma de cada vez para o fazer.

1.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica em Contexto de Creche

A prática de ensino supervisionada em creche foi, essencialmente, dedicada à observação do contexto e do grupo de crianças, visto que foi um curto período de estágio. O facto de ter sido apenas três dias por semana afetou a relação com as crianças, pois chegava ao local de estágio a meio da semana de trabalho e as crianças já não sabiam quem eu era.

Sinto que isto aconteceu mais nas primeiras semanas, depois as crianças foram-se habituando à minha presença, apenas alguns dias por semana. No entanto, considero que foi uma experiência muito rica e diferente, pois nunca tinha estado presente numa sala de 1 ano.

No decorrer deste período, tive algumas dificuldades em relacionar-me com os membros da equipa da sala de 1 ano, mas com mais prática profissional, penso ser capaz de ao longo do tempo ir ultrapassando estes aspetos. Tentei planear, juntamente com a minha colega, atividades que fossem adequadas à faixa etária em questão, mas uma delas não se adequou totalmente, pois era complexa demais para crianças de 1 ano. No entanto, implementámos a atividade da melhor maneira possível, no final tivemos um feedback muito positivo por parte das crianças.

No que diz respeito à planificação teórica das atividades, senti também algumas dificuldades, devido a não existir um documento curricular aprovado pela Direção Geral de Educação, o que causou alguma confusão na forma como se apresentaria as planificações das atividades. Relativamente aos objetivos que tínhamos planeado para as atividades, penso que na sua maioria os conseguimos cumprir.

Considero que consegui construir, com as crianças, laços de amizade e confiança, através da leitura de histórias e de estar sentada no tapete com elas a dar-lhes atenção e a brincar. Existiram situações em que me senti mais à vontade com as crianças, como por exemplo quando lhes lia histórias, sem ter a pressão da educadora ou da professora orientadora. Outras situações que me deixaram um pouco menos à vontade, mas acredito que com a prática consiga ultrapassar, foi por exemplo, quando cantámos a canção do “Bom Dia” e lhes dávamos o lanche do meio da manhã. Nesta situação senti-me pouco à vontade devido a ter os olhos das ajudantes de ação e educativa e da educadora em cima de mim, causando alguma pressão. Quando me competia fazer esta tarefa, eu tentava abstrair-me do ambiente à volta e do meu nervosismo e concentrar-me naquilo que estava a fazer.

No que diz respeito ao meu tema de investigação, isto é, a adaptação das crianças à creche e ao jardim de infância, foi um aspeto que não me foi possível de observar, pois o estágio começou em novembro e era observável que a maior parte das crianças já se sentiam adaptadas às rotinas da creche. Este é um tema que me interessa já há algum tempo, pois é um período crucial na vida das crianças e pode ter um impacto significativo no seu desenvolvimento. Consegui observar o acolhimento das crianças, isto é, quando são deixadas pelas famílias. A maior parte das crianças já estavam habituadas a este processo, no entanto, algumas crianças mais novas ainda choravam e necessitavam de ir dizer adeus às famílias na janela.

2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

No âmbito do mestrado em Educação pré-escolar, o segundo estágio realizou-se numa instituição pública, mais propriamente numa sala com crianças de três a cinco anos de idade. Este teve a duração de seis semanas, desde o dia 24 de abril de 2023 a 2 de junho de 2023.

De acordo com as Silva et al. (2016) na Educação Pré-Escolar, o currículo é desenvolvido de forma integrada, permitindo uma articulação plena entre as diferentes áreas de aprendizagem. Os espaços são organizados de forma flexível para atender às necessidades das crianças e encorajar a exploração e descoberta. As crianças devem ser incentivadas a participar ativamente na planificação das suas próprias aprendizagens. Neste ambiente as crianças têm liberdade para circular pelo espaço de aprendizagem de forma livre e independente. Tendo também, oportunidade de participar ativamente na organização do dia, escolhendo entre diferentes atividades e contribuindo para a gestão de projeto. São encorajadas a experimentar, a explorar e a integrar as suas próprias experiências na aprendizagem, desenvolvendo capacidades de comunicação e criatividade ao longo do processo. Além disso são desafiadas a desenvolver competências de nível mais elevado, promovendo assim um crescimento integral e significativo.

2.1. Caraterização da Instituição

Esta prática pedagógica foi realizada numa escola de Jardim de Infância, situada no meio urbano da cidade de Santarém que recebe crianças dos três aos seis anos de idade.

Apesar de ser uma escola construída antes do ano 2000, as suas infraestruturas têm vindo a ser melhoradas. Neste estabelecimento, o espaço interior era composto por: duas salas de aula, uma para o grupo 1 e outra para o grupo 2; sala ou gabinete de apoio à prática letiva; uma sala polivalente, que também servia de refeitório e de apoio às aulas de educação física; recreio coberto e descoberto; sala de trabalho para professores; uma casa de banho para as crianças; uma casa de banho para o corpo docente e não docente; uma sala de arrumos; e uma copa (Agrupamento de Escola Alexandre Herculano, 2011).

Em relação ao espaço exterior, este era composto por uma parte coberta e outra parte descoberta. No recreio descoberto, que se localizava na lateral da escola, existia areia, um escorrega, um balancé e uma cozinha de madeira com utensílios. No recreio coberto, localizado na frente do edifício da escola, as crianças tinham a possibilidade de andar de triciclo, de brincar numa cozinha de plástico, entre outras brincadeiras possíveis.

Tanto do corredor como na sala existiam placares que estavam decorados com os trabalhos das crianças, tanto os individuais como os em grupo, pois havia o cuidado de expor os trabalhos mais significativos para as crianças, valorizando as suas produções.

2.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala

2.2.1. Organização do Grupo

Através da observação direta do grupo, da leitura do Projeto Curricular de Grupo e com conversas informais com a educadora, verificámos que o grupo é heterogéneo, constituído por 24 crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos, sendo 11 do género feminino e 13 do género masculino.

É um grupo com pouca autonomia, algumas crianças ainda com dificuldade no controlo dos esfíncteres. Apresenta dificuldades no cumprimento de regras e, também, na adaptação, visto que, 16 crianças estão pela primeira no pré-escolar. Mostram dificuldades na compreensão das mensagens transmitidas pelos adultos, na concentração e na atenção durante as atividades, o que provoca a mudança constante de atividade e a sua interrupção (Mendes, 2022).

Foi apurado que 13 destas crianças provêm de famílias que são de diferentes culturas, e que não falam o português de Portugal no seu seio familiar. Existiam duas crianças que não falavam nem compreendiam o português, sendo que com uma delas falei inglês e isso ajudou na compreensão das mensagens. Uma criança tinha NEE, nomeadamente a perturbação do espectro do autismo, sendo que era sempre incluída em todas as atividades e rotinas diárias do pré-escolar (Mendes, 2022).

2.2.2. Organização do Espaço

A sala do grupo 2, local onde foi realizado o estágio era composta por diversas áreas, sendo elas: a casinha das bonecas, onde as crianças exploravam diferentes papéis e situações do quotidiano por meio de brincadeiras; o espaço de pintura, que permitia às crianças a exploração de diferentes materiais, cores e texturas; a zona de desenho, recorte, colagem e modelagem, que possibilitava às crianças expressarem a sua criatividade, a representação das suas ideias e perceções; os jogos de mesa que permitia o desenvolvimento de capacidades sociais, como partilhar, esperar pela sua vez e respeitar regras; os jogos de construção, que oferecia a possibilidade de explorar e experimentar diferentes materiais e técnicas de construção; por fim, existia a zona da biblioteca, que era um espaço dedicado à leitura e ao acesso a livros, promovendo assim o interesse pela leitura.

2.2.3. Organização do Tempo

Na tabela seguinte são delineadas as atividades diárias que estruturam a rotina das crianças durante o período escolar. Esta tabela oferece uma visão geral das diferentes etapas do dia, desde a chegada das crianças até à hora de saída:

Tabela 2 - Rotina do Jardim de Infância

Horário	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
8h30 9h00	Acolhimento				
09h00 10h30	Atividades Letivas				
10h30 11h00	Intervalo				
11h00 12h30	Atividades Letivas				
12h30 14h00	Almoço				
14h00 15h30	Atividades Letivas				
15h30 15h45	Intervalo				
15h45 16h30	Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) - LEGO	AAAF - Educação Ambiental	AAAF - Educação Físico Motora	AAAF Educação Físico Motora	
16h30 17h15		AAAF - LEGO		AAAF - Educação Ambiental	

2.3. Projeto de Intervenção

Com a observação e a escuta do grupo de crianças, através de conversas informais com a educadora, foi implementado um projeto educativo que girou à volta do tema dos dragões, dos castelos, das princesas, dos príncipes, dos reis e das rainhas. Devido ao facto de ser primavera, o grupo tinha estado a fazer borboletas de papel para serem colocadas no painel da sala de aula. Por isso, começámos por explorar a metamorfose da borboleta e, foi

seguido um fio condutor, em que através daquilo que recebemos de feedback do grupo foram implementadas atividades e usadas algumas estratégias que foram consideradas adequadas.

Foi constatado que o mesmo apresentava muitas peculiaridades. Como por exemplo, algumas crianças eram muito agitadas e faziam com que o grupo se destabilizasse, não mostravam muito interesse em algumas atividades propostas, ao longo das conversas de grupo era necessário estar sempre a chamar a atenção alguma criança e eram pouco colaborativos entre si.

Portanto, foi feita uma reflexão sobre possíveis estratégias para lidar com essas situações, como por exemplo: imposição de limites, como a separação de certas crianças, ou seja, não as deixar ficar sentadas lado a lado; oferecer alternativas às crianças e não dizer apenas não; falar no tom de voz mais baixo; e, falar com as crianças cara a cara, sem gritar do outro lado da sala. Outra das prioridades foram as atividades/jogos cujos objetivos estivessem relacionados com a cooperação, com a compreensão de mensagens orais, com a tolerância, com o trabalho em equipa e com o cumprimento de regras.

De forma a avaliar as atividades implementadas, foram construídas grelhas de observação que incluem os objetivos pretendidos a atingir e se foi possível de observar no grupo, de um modo geral, a concretização desse objetivo.

Será apresentada uma atividade implementada, como exemplo do projeto educativo desenvolvido: a atividade teve como título “Construção de um aqueduto” e como ponto de partida uma visita de estudo a Óbidos, em que as crianças ficaram a



Figura 5 - Construção do aqueduto

conhecer a história da rainha Catarina de Áustria. Como introdução à atividade foram feitas algumas questões, como por exemplo, “Como se chamava a 3.^a rainha que conhecemos em Óbidos?” e “O que ela construiu?”. De seguida, com rolos de papel cortados ao meio foi pedido



Figura 6 - Aqueduto

para que pintassem a parte de dentro e de fora (figura 5), para depois serem todas coladas para formar um aqueduto (figura 6). Posteriormente à construção, as crianças juntaram-se todas à volta de uma mesa para que cada uma pudesse lançar pelo menos uma bola pelo aqueduto, imaginando que seria água.

Refletindo sobre a atividade, o objetivo da mesma foi atingido, o facto de o grupo ter

sido dividido em pequenos grupos, facilitou a dinamização da atividade, pois conseguiu-se controlar melhor quem estava a perceber a atividade e quem precisava de ajuda.

Não foi possível o aqueduto ficar pronto no próprio dia, o que levou a ter de se acabar na semana a seguir. Com um pequeno grupo de crianças, foram dinamizadas as atividades propostas da semana, e com outro conjunto de crianças foi terminado o trabalho do aqueduto.

2.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica

Esta prática de Ensino Supervisionada, foi uma das mais desafiadoras e foi também a primeira em que tive de implementar um projeto de intervenção pedagógico. A equipa educativa da instituição, foi muito recetiva, ajudando sempre no que precisei, dando dicas de como melhorar a minha prestação com as crianças, o que foi bastante bom. Com as crianças consegui criar laços de amizade e confiança, através de brincadeiras que fazia com elas, de histórias que lhes lia, de conversas, entre outras coisas.

No que diz respeito aos aspetos que considero dominar melhor, posso salientar a minha abordagem com as crianças, pois ao longo do estágio foi possível abordá-las de diferentes formas, seja com brincadeiras, a ler histórias, a jogar jogos, entre outras formas. Acho que o facto de ser uma pessoa paciente também me ajuda no trabalho com as crianças, pois dou-lhes tempo para que entendam o que estou a dizer, faço perguntas para perceber qual a intenção delas num determinado assunto ou atividade, dou-lhes espaço para que se possam expressar, deixando-as à vontade.

Alguns aspetos que considero que posso melhorar, são por exemplo, a forma como falo para o grande grupo, pois devo mostrar mais confiança no meu discurso; a forma como planifico as atividades; e pensar nas coisas que podem correr mal e numa solução para remediar a situação se for necessário.

Existiram situações em que me senti mais à vontade, como por exemplo, quando trabalhava com as crianças em pequenos grupos, pois sentia que as crianças tomavam mais atenção ao que estava a acontecer e ao que eu dizia.

Uma questão que me interessou desde cedo, tem a ver com a adaptação das crianças ao pré-escolar. Durante este período de estágio, percebi que algumas crianças ainda não se sentiam adaptadas a este contexto, porque não tinham nenhuma área de interesse, nunca sabiam o que fazer, andavam apenas a correr pela sala toda. Tinham de ser os adultos a dizer a elas para irem fazer algum trabalho. Outra das crianças chorava e ficava muito maldispota, chegando até a vomitar, por ver os pais a deixarem na escola. Achei um tema pertinente, pois é um período crucial na vida das crianças e tive curiosidade em perceber quais são as melhores formas de integrar as crianças, fazendo-as sentir bem no início na sua entrada para a creche ou para o pré-escolar.

Ainda no que diz respeito a esta etapa da vida das crianças, foi-me possível implementar uma atividade. Escolhi praticar ioga com as crianças, pois proporciona uma sensação interna de bem-estar, produzindo calma e relaxamento nas crianças. Simultaneamente contribui para equilibrar os seus níveis de energia, o que resulta numa gestão mais eficaz das respostas na sala de aula.

Tive a oportunidade de realizar a atividades duas vezes neste estágio, pois a primeira vez não correu muito bem. Na primeira vez que realizei a atividade foi um pouco difícil chamar a atenção das crianças para realizarem alguns movimentos, pois era necessário estarem calmas e elas estavam muito agitadas. Comecei por chamá-las para realizarem alguns movimentos, desafiei algumas delas a tentarem fazer as posições para conseguir ter a atenção delas. Quando consegui ter a atenção da maior parte das crianças, fomos repetindo as posições. Na segunda vez que realizei atividade, falei com uma voz mais suave, o que ajudou na captação da atenção das crianças.

3. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

O último estágio do curso, mestrado em Educação Pré-Escolar, foi realizado em jardim de infância, tendo ocorrido durante 12 semanas, desde dia 16 de outubro de 2023 a dia 12 de janeiro de 2024. Este decorreu na mesma instituição da prática pedagógica anterior, ou seja, numa instituição pública da cidade de Santarém que recebe crianças dos três aos cinco anos.

3.1. Caracterização da Instituição

Por se tratar do mesmo local onde ocorreu a prática pedagógica anteriormente descrita, optou-se por não fornecer uma caracterização neste tópico, preferindo direcionar essa descrição para o tópico 2.1.

3.2. Organização do Ambiente Educativo da Sala

3.2.1. Organização do Grupo

O grupo de crianças é composto por 21 crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade, sendo 10 do género feminino e 11 do género masculino. Existiam crianças de diferentes nacionalidades como, brasileiras, indianas e ucranianas. São acompanhadas por um assistente operacional e por uma educadora titular que se encontra ao abrigo do Artigo n.º 79 com redução de 5 horas semanais na componente letiva, de modo que, um dia por semana vinha uma educadora substituta. Embora a educadora ainda não tenha concluído o projeto curricular de grupo devido à fase inicial de conhecimento do grupo

e à adaptação das crianças às rotinas da escola, percebe-se que a prioridade foi a integração das crianças, especialmente as 10 que estão a frequentar o pré-escolar pela primeira vez. Além disso, a educadora está focada em promover a autonomia das crianças, como foi analisado através da observação direta e de conversas informais com a educadora cooperante.

Este grupo apresenta características positivas, como demonstrar entusiasmo nas atividades de criação, construção, desenho e dramatização, mostrando uma inclinação natural para atividades artísticas e lúdicas. Eles também expressaram interesse em ouvir histórias e apreciar música, evidenciando uma curiosidade saudável por diferentes formas de expressão e comunicação. Além disso, demonstram contentamento ao participar ativamente nas atividades, indicando uma adaptação e apreciação pelo ambiente educativo. Eles contribuíram de forma colaborativa na organização dos materiais, mostrando a participação ativa na manutenção do espaço e evidenciando responsabilidade e cooperação.

Também foram observados alguns aspetos negativos, como por exemplo, algumas áreas da sala não eram utilizadas adequadamente, como a área designada para os jogos de chão, onde as crianças inicialmente optavam por lançar peças para a área da casinha, localizada ao lado. No entanto, no final do estágio houve uma evolução perceptível, pois as crianças já brincavam de outra forma. Muitas das crianças tendiam a deixar a área em que estão e deslocar-se para outra, sem arrumar os materiais utilizados. Além disso, o tempo de atenção dedicado a uma atividade específica era relativamente curto, havendo necessidade de procurar diferentes estratégias para prolongar a concentração das crianças em tarefas específicas. Embora haja cooperação durante as brincadeiras, alguns membros do grupo apresentam comportamentos agressivos para com os colegas, indicando necessidade de intervenção para promover relações saudáveis e construtivas entre as crianças.

3.2.2. Organização do Espaço

A sala do grupo 2 está organizada por áreas de trabalho e de jogo simbólico sendo elas: a zona das ciências; a casinha das bonecas; o espaço de pintura; a zona de desenho, recorte e colagem; a zona de modelagem; os jogos de mesa; os jogos de construção e a zona da biblioteca. As crianças têm a liberdade para explorar e adaptar o espaço da sala de acordo com as suas brincadeiras. No entanto, quando desejam mudar para outra área ou quando é hora de limpar a sala, devem organizar os materiais utilizados para deixar o ambiente arrumado novamente. Os trabalhos individuais ou em grupo realizados pelas crianças eram exibidos nas paredes da sala ou em espaços comuns do jardim de infância, tanto dentro como fora da escola, sempre que forem relevantes ou significativos para o grupo.

3.2.3. Organização do Tempo

O quadro que se apresenta abaixo, estão presentes as atividades diárias que compõem a rotina das crianças durante o período escolar. Este oferece uma visão abrangente das diferentes etapas do dia das crianças:

Tabela 3 - Organização dos tempos letivos e não letivos

Horário	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
8h30 9h00	Acolhimento				
09h00 10h30	Atividades Letivas				
10h30 11h00	Intervalo				
11h00 12h30	Atividades Letivas				
12h30 14h00	Almoço				
14h00 15h30	Atividades Letivas				
15h30 15h45	Intervalo				
15h45 16h30		AAAF - Educarte		AAAF - Nutriser	AAAF - Brincar sobre rodas
16h30 17h15	AAAF - Nutriser		AAAF - Brincar sobre rodas	AAAF - Educarte	

A gestão do tempo era baseada no quadro anterior, embora fosse flexível para lidar com imprevistos, possibilitando ajustes nos horários, conforme necessário.

3.3. Projeto de Intervenção

O projeto de intervenção pedagógica em conjunto com o projeto educativo do agrupamento de escolas Alexandre Herculano e com as OCEPE, foi uma proposta que orienta as práticas educativas e deve ser adaptado ao longo do ano por meio de ciclos de avaliação, planeamento, ação e reavaliação. Neste caso, não foi isso que aconteceu, pois, a prática pedagógica decorreu num curto espaço de tempo.

No início do estágio foi realizada uma avaliação diagnóstica para recolher informações relevantes. Além disso, ao observar as atividades das crianças conseguimos identificar os seus interesses, o que foi crucial para o planeamento e desenvolvimento do mesmo. Foram priorizadas atividades que estimulassem a criatividade, a autonomia e a responsabilidade. Baseadas nos interesses das crianças em relação à natureza, foi dada uma continuidade às atividades já em andamento pela educadora cooperante, que envolvem elementos naturais, especificamente sobre a fruta da época e as azeitonas. Portanto, o tema central do projeto foi a exploração de elementos da natureza, visando enriquecer a área das ciências, tendo este como título “Sensações e Experiências Naturais”.

Foram trabalhadas algumas aprendizagens que promoveram a criatividade, autonomia e a responsabilidade, de acordo com Silva et al. (2016), tais como: cultivar o respeito pelo outro e as suas perspetivas, promovendo uma atitude de partilha e de responsabilidade social; Envolver-se no processo de metodologia científica desde a formulação de perguntas, colocar hipóteses, antecipar respostas, experimentar e recolher dados, analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las; Colaborar em situações de jogo, respeitando as regras ou orientações; adequar a linguagem oral ao contexto, entre outros objetivos presentes no projeto.

Para alcançar os objetivos delineados, foram implementadas diversas estratégias educativas, sendo elas: demonstrar e promover o valor e o respeito por cada criança, ao agir como um exemplo de relacionamento positivo entre elas; Estimular a curiosidade das crianças, incentivando-as a observar o mundo ao seu redor e questionar as suas descobertas; Fomentar práticas sustentáveis de preservação da natureza e do património cultural; Narrar histórias, criando oportunidades de discussões e encorajando-as a contar ou criar as suas próprias narrativas; entre outras diversas estratégias implementadas (Silva et al., 2016).

Como forma de avaliar este projeto, foram utilizados registos individuais, que foram analisados para realizar avaliações individuais de cada criança. As discussões em grupo que proporcionaram uma perspetiva mais abrangente das atividades realizadas, permitindo atender aos interesses e necessidades coletivas. Os registos fotográficos desempenharam um papel importante, pois não refletem apenas o processo de aprendizagem de cada criança, mas também servem como meio de divulgação do trabalho que foi realizado.

Seguidamente será apresentada uma atividade, como exemplo do projeto educativo desenvolvido. Na semana em que foi realizada a atividade o tema foi as partes das árvores. Este tema surgiu de uma conversa da semana anterior, na qual se percebeu que as crianças não conseguiam identificar as partes das árvores, mesmo as mais velhas estavam com uma certa dificuldade. Diante disso, foi proposta uma atividade de separação de materiais lisos e rugosos para promover a compreensão das características das árvores.

Numa das mesas da sala foram desenhados dois conjuntos, um círculo para simbolizar o conjunto do liso (figura 7) e um quadrado para simbolizar o conjunto do rugoso (figura 8). Optou-se por se fazer duas figuras geométricas diferentes para as crianças entenderem que eram dois conjuntos diferentes.



Figura 7 - Conjunto do Liso



Figura 8 - Conjunto do Rugoso

O jogo foi feito com uma criança de cada vez, de modo a perceber se elas entendiam os conceitos principais. Foram espalhados materiais como pinhas, bocados de tronco, tábuas de madeira, lápis de cera lisos, casca de noz, pedaços de cartão e foi pedido que classificassem como liso e rugoso. Algumas das crianças tiveram algumas dificuldades em perceber os conceitos, mas no final do jogo todas as crianças conseguiram entender estes dois conceitos. O facto de ter sido feito individualmente foi uma mais-valia, pois as crianças distraíam-se menos e conseguiram concentrar-se melhor na atividade, facilitando assim a sua compreensão e aprendizagem das características dos materiais presentes.



Figura 9 – Separação de materiais lisos e rugosos

3.4. Reflexão sobre a Prática Pedagógica

Na reflexão da Prática de Ensino Supervisionada anterior, referi que tinha sido o estágio mais desafiador do meu percurso académico, mas não sabia o que poderia vir aí. Na minha opinião o estágio desta prática foi o mais desafiador, pois neste grupo existia um grande número de crianças com três anos que nunca tinham frequentado o pré-escolar e por isso não sabiam muitas das regras, o que por vezes dificultava as conversas de grupo. Por exemplo havia crianças que não se queriam sentar nas almofadas, queriam ficar sentadas na cadeira como eu estava, por isso optei por me sentar nas almofadas como elas.

Um dos aspetos que considero dominar melhor é a capacidade em estabelecer e manter relações positivas com as crianças. A empatia e a compreensão das necessidades emocionais e individuais das crianças são fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor. Ao criar uma atmosfera onde as crianças se sentem valorizadas e compreendidas, fomento a confiança mútua, o que contribui significativamente para o seu envolvimento ativo nas atividades educativas. Além disso, reconheço a importância da comunicação clara e positiva, incentivando o diálogo aberto e proporcionando um espaço onde as crianças se sintam à vontade para expressar as suas ideias, pensamentos e emoções.

Existem aspetos que precisarei de melhorar, tais como, a forma como comunico com as crianças em grande grupo. Uma das áreas específicas que pretendo melhorar é a gestão da atenção e o envolvimento de todas as crianças durante esses momentos. Reconheço a importância de diversificar as abordagens de comunicação para diferentes estilos de

aprendizagem. Planeio explorar métodos variados, como a incorporação de jogos educativos para tornar as conversas/atividades mais cativantes e acessíveis a todas elas.

Ao longo dos últimos meses, apercebi-me de um crescimento na minha prestação profissional no contexto de pré-escolar. Este progresso foi possível através da implementação de diversas estratégias que me foram sugeridas pela educadora e pela professora orientadora. Como por exemplo, no momento de contar histórias projetar mais a voz, fazer diferentes tipos de vozes de modo a cativar as crianças e evidenciar o fator surpresa. Em momentos que era necessário acalmar as crianças cantar músicas e pedir a colaboração delas. Nos momentos de conversas de grupo, não fazer muitas pausas para que as crianças não dispersem muito e tenham uma linha de pensamento sobre o assunto que se está a tratar.

No decorrer do estágio fui-me sentindo mais confiante, pois a interação regular com as crianças, a implementação de estratégias pedagógicas e a resolução de desafios diários contribuíram para o desenvolvimento de capacidades práticas. O facto de ir recebendo feedback positivo ou negativo contribuiu para que pudesse melhorar em alguns aspetos e para a construção da minha autoconfiança. À medida que o tempo passava, senti-me mais adaptada ao ambiente do pré-escolar, compreendendo as dinâmicas da sala de aula, as necessidades das crianças e as expectativas pedagógicas.

Este estágio foi bastante pertinente, no que diz respeito à minha investigação, pois o tema do mesmo é a adaptação das crianças ao pré-escolar e visto que o comecei no início do ano letivo, consegui recolher dados. O meu objetivo com este trabalho de pesquisa será perceber quais as estratégias dos educadores para conseguir que as crianças se adaptem da melhor forma ao contexto em questão. E com esta prática pedagógica obtive uma visão prática e aprofundada das dinâmicas envolvidas no processo de adaptação ao pré-escolar. Ao começar o estágio no início do ano letivo, pude observar as fases iniciais da adaptação das crianças ao novo ambiente escolar. A recolha de dados ao longo do tempo permitiu-me documentar as mudanças e os desafios enfrentados por cada criança, bem como as estratégias específicas implementadas pela educadora para facilitar esse processo.

Durante a prática pedagógica, tive a oportunidade de interagir diretamente com a educadora e testemunhar a implementação das estratégias no dia a dia. Essa experiência proporcionou uma compreensão sobre a eficácia das abordagens utilizadas, assim como sobre a resposta das crianças a essas estratégias. Dessa forma, o estágio não só complementou a minha pesquisa, mas também enriqueceu o meu entendimento prático sobre a adaptação das crianças ao contexto de pré-escolar, proporcionando uma base sólida para a análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo deste período.

Parte II – Exercício Investigativo

1. Contextualização

A etapa da adaptação engloba diversos intervenientes, sendo eles, a família, a criança e os educadores/cuidadores tendo gerado o interesse de diferentes autores em estudar a adaptação de modo a compreender e a minimizar as dificuldades sentidas pelos intervenientes neste mesmo processo. De acordo com Rapoport e Piccinini (2001) este processo é complicado tanto para a criança, como para a família e educadores, pois implica reorganizações e transformações por parte de todos.

Nesta etapa, é essencial proporcionar situações e experiências que promovam uma educação completa e de qualidade, para isso é crucial que os profissionais da área se dediquem ao processo de adaptação das crianças, abrangendo não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também aspetos sociais, culturais, motores, e sobretudo afetivos, tendo em conta que as crianças desenvolvem laços emocionais profundos com os/as educadores/as com quem convivem. Além disso, estes profissionais devem procurar constantemente a sua melhoria, procurando inovar e ajustar as suas práticas às necessidades das crianças, de modo a facilitar as situações de aprendizagem (Ferreira & Oliveira, 2022).

A minha motivação para a escolha do tema de investigação, teve a ver com as minhas experiências de estágio. Sempre tive curiosidade como seria o processo inicial de quando as crianças entram para a creche ou para pré-escolar pela primeira vez, visto que foram poucas as vezes que pude acompanhar esta etapa na vida das crianças. No último estágio que realizei, já consegui acompanhar esse momento e foi-me possível observar, algumas estratégias da educadora para integrar todas as crianças.

Dada a situação descrita, surge a seguinte questão deste estudo: “Quais as estratégias do/a educador/a na adaptação das crianças ao Pré-Escolar?”. Para responder a esta pergunta, pretendo: perceber qual o papel do educador no processo de adaptação das crianças ao pré-escolar; compreender a importância dos pais neste processo de adaptação; e ainda, estabelecer algumas formas de facilitar a adaptação das crianças.

2. Enquadramento Teórico

2.1. A adaptação das crianças ao Pré-Escolar

De acordo com Silva et al. (2016) as transições representam mudanças nos ambientes sociais em que vivemos, exigindo adaptações comportamentais devido às diferentes funções, interações, relações e atividades envolvidas. Na vida quotidiana encontramos diversas

transições, sendo que as crianças que frequentam as instituições educativas enfrentam diariamente a transição do ambiente familiar para o contexto escolar. O acolhimento diário das crianças desempenha um papel fundamental nesse processo de transição, proporcionando uma experiência marcante e facilitando a adaptação. Quando as crianças entram para a educação pré-escolar, já passaram por um processo educativo em casa, muitas delas podem já ter frequentado creches e este processo terá continuidade no jardim de infância. É possível que as crianças iniciem a educação pré-escolar aos três, quatro ou até mesmo aos cinco anos.

A integração na comunidade pré-escolar requer uma adaptação inicial à vida social e amplia o círculo social acessível à criança. Durante esse processo, a criança aprende o seu papel dentro da comunidade, participando em atividades de diferentes tipos. A interação com outras crianças promove o desenvolvimento de capacidades sociais e a superação de desafios individuais por meio da colaboração. O ambiente social e afetivo formado dentro do grupo desempenha um papel fundamental na integração da criança na comunidade pré-escolar (Gáll & Balint, 2014).

Embora haja diferentes interpretações sobre o significado de adaptação, é evidente que os profissionais precisam de estar preparados e ser competentes para lidar com a chegada das crianças às instituições educativas, especialmente nos primeiros dias que são os mais desafiadores. É essencial que os profissionais cultivem um relacionamento positivo com todas as crianças, destacando assim a importância de uma formação contínua e de qualidade, bem como de um planeamento dinâmico e flexível (Ferreira & Oliveira, 2022).

A entrada de uma criança para uma instituição de educação pela primeira vez, implica sempre uma convivência. As crianças necessitam de interagir tanto com os colegas como com os profissionais, embora que seja de diferentes maneiras, como afirmam Menon e Corso (2012).

As crianças que conseguem ter um bom começo e aproveitar ao máximo as oportunidades de aprendizagem no decorrer da adaptação inicial, são aquelas cujas experiências iniciais foram consistentemente positivas. Cada criança tem uma forma diferente de se adaptar ao contexto que é tratada cuidadosamente e de forma adequada para que construam com resiliência e positividade. No entanto, algumas crianças podem parecer ajustar-se mais facilmente no início, e mais tarde poderão enfrentar algumas dificuldades emocionais, enquanto outras crianças precisarão de apoio e de formas de se sentirem confortáveis desde o início. Uma experiência negativa não apenas atrasa a aprendizagem que pode ocorrer naquele momento, mas também aumenta a probabilidade de a aprendizagem ser interrompida na próxima vez que a criança tiver de enfrentar uma adaptação a um novo contexto. Ao invés de resiliência saudável que surge com experiências positivas iniciais, as

experiências negativas que ocorrem cedo demais e com frequência são mais propensas a criar estratégias de sobrevivência e comportamentos menos saudáveis (O'Connor, 2013).

Durante esta fase de mudança, as crianças podem demonstrar emoções de diversas maneiras, tais como, afastarem-se, ficarem mais irritadas, chorarem, exibirem comportamentos agressivos, mostrarem-se desconfortáveis durante as rotinas. No entanto é importante notar que cada criança reage de maneira única. A atenção cuidadosa nestas primeiras transições prepara as crianças para lidar com mudanças que ocorrerão ao longo da vida (Barros et al., 2019).

2.2. O papel do educador no processo de adaptação das crianças ao Pré-Escolar

A intenção do/a educador/a requer uma reflexão acerca das ideias e dos princípios fundamentais sobre os objetivos da sua prática educativa. Esses objetivos incluem entender o papel que desempenham como profissionais da educação, a visão que têm das crianças, o valor que atribuem ao conhecimento e às capacidades das crianças. Ao ser intencional o educador está consciente sobre as suas ações, ou seja, tem um propósito claro por detrás das suas escolhas pedagógicas. Isto significa que o/a educador/a compreende os motivos pela qual realiza as suas ações e têm clareza sobre o que espera alcançar através da sua prática (Silva et al., 2016).

Destacando ainda Silva et al. (2016) o educador promove a participação ativa das crianças ao criar um ambiente educativo rico em materiais diversos que despertem a sua curiosidade e interesses. Ao permitir que as crianças escolham com quem e como brincar, elas são incentivadas a desenvolver a sua autonomia, a tomar decisões e resolver problemas, contribuindo para o seu crescimento pessoal. Durante as atividades, as crianças expressam a sua individualidade e criatividade, enquanto melhoram as suas capacidades sociais e de resolver os problemas.

As crianças ao entrarem no pré-escolar, trazem consigo uma história de vida única. Cada família carrega as suas próprias crenças e costumes, e é fundamental que os educadores sejam sensíveis a essas diferenças individuais. Os profissionais de educação desempenham um papel importante ao apoiarem as crianças e os seus familiares a adaptarem-se a este novo contexto de forma segura, demonstrando empatia diante das diversas abordagens utilizadas para lidar com o processo de separação. Este momento inicial é particularmente significativo, pois representa uma transição do ambiente familiar para um ambiente de socialização mais amplo, com diferentes rotinas e atividades. Anteriormente, esta transição era muitas vezes abordada de maneira padronizada, sem considerar as

necessidades individuais de cada criança. A integração era vista como um processo uniforme para todos sem ter em conta as particularidades de cada criança. No entanto, reconhecendo a importância da adaptação às necessidades individuais de cada criança, os estabelecimentos educativos estão cada vez mais focados em oferecer um ambiente acolhedor e personalizado, onde as crianças se sintam seguras e capazes de explorar e aprender (Mazon & Guarnieri, 2017).

É com alguma frequência que os educadores demonstram uma resistência à necessidade de reorganização, tanto no que diz respeito ao tempo quanto ao espaço educativo. Por vezes poderão não estar familiarizados com as especificidades deste processo. Portanto, de acordo com uma pesquisa realizada por Rapoport e Piccinini (2001) a eficácia no processo de adaptação está conectada com a consistência da equipa educativa, com a dimensão apropriada de cada grupo de crianças, com uma gestão eficiente do tempo e com o planeamento. A planificação e a organização desta fase são importantes, pois poderá ser necessário demonstrar uma abertura para as mudanças que ocorrem.

Durante o processo de adaptação, a escola desempenha um papel central. Para a família, a escola representa um ambiente acolhedor onde as crianças vão aprender e crescer diariamente. Enquanto isso, para os educadores a escola é um local para refletir sobre a sua prática profissional, ter conversas significativas com os seus pares e compreender todos os aspetos envolvidos no percurso de adaptação das crianças. É da responsabilidade da escola a promoção de uma abertura que permita às famílias participar ativamente no processo educativo das suas crianças. Especialmente durante a fase inicial de adaptação da criança, é crucial adotar estratégias diferentes para garantir que esta etapa seja concluída de maneira saudável, sem causar traumas à criança ou sentimentos de culpa à família, por confiar o cuidado a outras pessoas. Nesse sentido, o acolhimento por parte da escola torna-se indispensável, pois as atitudes tomadas no início irão influenciar diretamente no conforto e na disposição da família e da criança para se envolver ativamente em todo o processo educativo (Freytag, 2018).

Uma estratégia igual para todas as crianças, na expectativa que elas encaixem nos horários e procedimentos anteriormente já existentes, não é o caminho mais correto, pois cada criança é diferente e tem os seus próprios tempos individuais. Os educadores com uma abordagem flexível estão prontos para responder às necessidades variáveis das crianças e estarão equipados com diversas estratégias para atender a essas necessidades (O'Connor, 2013).

De forma a apoiar o desenvolvimento e a aprendizagem de cada criança numa sociedade cada vez mais diversificada, os educadores de infância precisam de compreender as implicações desses contextos. Ao reconhecer que as experiências das crianças podem variar de acordo com as suas identidades sociais, como por exemplo, raça ou etnia, género,

composição familiar, entre outros, os educadores podem fazer adaptações para apoiar o desenvolvimento positivo das múltiplas identidades sociais de cada criança. Além disso, os educadores devem estar cientes e contrariar os seus próprios preconceitos e os preconceitos da sociedade em geral que possam perturbar o desenvolvimento positivo e o bem-estar das crianças. Os educadores têm a responsabilidade profissional de se manterem em constante aprendizagem ao longo da vida, capazes de promover a aprendizagem ao longo da vida nas crianças, para isso devem manter-se atualizados sobre os desenvolvimentos de pesquisa, enquanto aprendem continuamente com as famílias e comunidade em que se encontram (National Association of Young Children, 2009).

De acordo com Carvalho (2021) o educador desempenha um papel crucial na organização e adaptação das rotinas das crianças. Uma rotina consistente não significa que seja inflexível, por vezes é necessário ajustar os horários devido a atividades especiais, como por exemplo visitas de estudo. É essencial que a rotina seja flexível para se adaptar às necessidades do grupo de crianças. Uma rotina consistente, mas flexível, é fundamental para o desenvolvimento emocional, linguístico e de autonomia das crianças e ainda as ajuda a compreender o tempo e o espaço. Além disso, é importante que a rotina proporcione uma sensação de segurança e regularidade, garantindo um ambiente previsível. Torna-se crucial considerar os interesses e as necessidades das crianças ao planear uma rotina de modo a oferecer oportunidade de desenvolvimento.

Faz parte do papel do/a educador/a a avaliação das atividades, comunicações e interações das crianças, bem como os seus processos de aprendizagem. Observar estes aspetos é uma estratégia essencial para a recolha de informações relevantes. No entanto, essa observação não se deve limitar apenas às perceções dos/as educadores/as durante o contato diário com as crianças. É necessário realizar registos que permitam contextualizar as observações e situar essas informações no tempo. Anotar o que é observado facilita uma reflexão inicial sobre a prática, proporcionando uma distância que permite uma análise mais objetiva (Silva et al., 2016).

A prática regular da observação das crianças ao longo do ano pode ser uma ferramenta valiosa para os/as educadores/as e para as próprias crianças durante o processo de adaptação ao pré-escolar. Ao realizar observações em diferentes momentos e situações, os/as educadores/as obtêm indicadores que apoiam o planeamento e a avaliação do trabalho pedagógico, bem como o desenvolvimento individual de cada criança. Mesmo que o/a educador/a esteja envolvido nas atividades, é possível realizar observações durante o curso das mesmas. Embora isso possa apresentar desafios, especialmente no início, há momentos em que as crianças estão envolvidas em atividades independentes ou brincadeiras, oferecendo oportunidades para fazer registos das suas ações e palavras. Essas observações contínuas permitem que os/as educadores/as entendam melhor as necessidades, interesses

e níveis de adaptação de cada criança, possibilitando ajustes adequados ao planeamento e à abordagem pedagógica. Ao mesmo tempo, proporcionam às crianças um sentido de reconhecimento e valorização das suas iniciativas e contribuições para o ambiente de aprendizagem, promovendo assim uma transição mais suave e positiva para o novo contexto (Cardona et al., 2021).

2.3. A importância dos pais no processo de adaptação

Segundo Barros et al. (2019) uma colaboração eficaz entre a escola e as famílias é fundamental para facilitar a adaptação dos pais a esta nova fase da vida das suas crianças. Estabelecer uma relação segura e de apoio a cada criança é essencial, assim como garantir uma prestação de cuidados e educação personalizados, considerando as suas necessidades individuais, temperamentos, ritmos e rotinas familiares distintas. Além disso, é crucial construir relações de confiança com os pais, que podem ter expectativas, crenças e valores diversos. A comunicação aberta e transparente é fundamental, assim como a continuidade na prestação de cuidados das crianças, baseadas numa comunicação sólida com as famílias.

De acordo com Maranhão e Sarti (2008) os primeiros encontros entre as famílias e os profissionais são cruciais para estabelecer uma relação positiva. As primeiras impressões dos pais podem ser confirmadas ou alteradas nos primeiros dias, pois ainda estão vulneráveis por estarem no início do relacionamento com os profissionais. Durante esta fase é possível perceber as preocupações das famílias relacionadas com a separação temporária do seu educando, que estão relacionadas com a continuidade dos cuidados da alimentação, do conforto e da segurança da criança. A sensibilidade da equipa educativa em relação ao comportamento das famílias durante a adaptação pode fornecer conhecimentos valiosos sobre como ajudar tanto a família quanto a criança, a iniciar a sua caminhada no novo ambiente de forma positiva.

As famílias das crianças são as pessoas mais importantes na vida delas. Eles conhecem a sua criança e as suas preferências. O educador esforça-se para desenvolver relacionamentos recíprocos com as famílias, que incluam a comunicação e o respeito em ambas as direções. Além disso ao aproveitar o conhecimento detalhado de cada família sobre a sua criança, o educador também pode aprender mais sobre o ambiente doméstico e comunitário incluindo as suas dimensões culturais. E este contexto é fundamental para tomar decisões dentro da sala, que sejam apropriadas para cada criança, bem como para promover relacionamentos positivos com os pais. A comunicação entre professores e pais é importante para alcançar um grau de consistência nas formas como os adultos que são significativos na vida da criança orientam e se relacionam com ela. E as crianças sentem-se mais seguras

quando vêm que os adultos que se importam com elas partilham confiança e respeito (National Association of Young Children, 2009).

Os profissionais da educação e os pais devem trabalhar juntos para antecipar, preparar e gerir mudanças. A parceria com as famílias é essencial para compreender cada criança e como melhorar o seu cuidado individualizado. O conhecimento sobre o desenvolvimento infantil ajuda os educadores e as famílias a obter uma perspetiva mais profunda sobre como o desenvolvimento das crianças influencia as suas respostas à transição. Ao construir consciência, planejar e apoiar as crianças e as famílias durante o período de transição, os educadores podem fornecer uma base sólida que os prepare para gerir mudanças com sucesso (Early Childhood Learning & Knowledge Center., 2023).

De acordo com Oliveira (2018) é importante que o processo de adaptação das crianças envolva uma parceria colaborativa entre a instituição e as famílias, proporcionando a oportunidade para que ambas desempenhem os seus papéis de maneira efetiva. Quando as instituições adotam uma abordagem unilateral, impedindo a participação das famílias nesse momento sensível e emocionalmente delicado, ocorre uma separação brusca entre as crianças e as suas famílias. Isso resulta em que as crianças entrem para a instituição a chorar e permaneçam assim durante todo o período de adaptação, enquanto os seus responsáveis ficam preocupados e passivos. É comum que as crianças não se sintam confortáveis com o novo ambiente, tornando-se crucial a intervenção, compreensão e adaptação por parte dos profissionais. Essa abordagem sensível e recetiva, por parte da equipa educativa é fundamental para garantir que as crianças se sintam acolhidas e seguras durante esse período de transição.

2.4. Formas de facilitar a adaptação das crianças

Facilitar a transição para o pré-escolar pode ser uma caminhada mais suave ao incluir atividades através de brincadeiras. Utilizando pequenas figuras, peluches ou bonecos, é possível criar cenários que ajudem a criança a familiarizar-se com a ideia de existir uma mudança para um novo ambiente. Durante as brincadeiras, é importante destacar estratégias, como por exemplo, discutir o medo e como lidar com ele de forma positiva. Além disso, ao discutir a transição para o pré-escolar com a criança, é importante abordar o assunto de maneira positiva e tranquilizadora, evitando demonstrar muita ansiedade sobre a mudança. Visitar a escola antes da entrada, é uma excelente oportunidade para habituar a criança ao ambiente escolar e ajudá-la a sentir-se mais confortável e confiante antes do primeiro dia na escola (Densmore, 2013).

De acordo com o estudo realizado por Gonçalves (2018), o grupo de crianças, incluindo aquelas com e sem NEE, poderão enfrentar dificuldades na adaptação a um novo

contexto, adotam estratégias como a simplificação de atividades e o uso de materiais apropriados. Os educadores podem também dedicar-se a trabalhar individualmente com as crianças ou em pequenos grupos para oferecer suporte personalizado. No entanto, essas abordagens muitas vezes são limitadas pela falta de tempo e pelo elevado número de crianças na sala. Além destas estratégias, algumas docentes ressaltaram a importância fundamental de apoio individualizado. Isso pode envolver a identificação e a implementação de adaptações específicas para atender às necessidades de cada criança. A necessidade de colaboração e comunicação com outros profissionais, poderá surgir como estratégia, de modo a garantir que cada criança receba o apoio necessário para alcançar o seu potencial.

Segundo Early Childhood Learning & Knowledge Center (2023) a comunicação e a colaboração entre as famílias e os profissionais de educação são fundamentais para as transições bem-sucedidas. Por isso, é importante:

- Estabelecer uma ligação pessoal para compreender as emoções e situações únicas de cada família;
- Perguntar às famílias sobre as suas expectativas e as suas preocupações;
- Criar oportunidades para que as famílias discutam sobre a transição dos seus filhos entre si;
- Organizar momentos para que as famílias e as crianças conheçam os profissionais que vão estar com elas, o que inclui educadores e auxiliares, e para que visitem a sala;
- Pedir às crianças mais velhas para partilharem as suas histórias e conhecimentos sobre a vida no jardim de infância.

Além disso as experiências de aprendizagem e as expectativas consistentes são partes importantes da transição das crianças. Portanto, é fundamental:

- Oferecer orientação e tranquilidade às crianças e famílias à medida que as atividades, as expectativas de aprendizagem e as rotinas mudem;
- Planear a transição com antecedência, quando possível, para que seja oportuna, previsível e corra de acordo com as necessidades e ritmo de cada criança.
- Planear com as famílias como considerar as necessidades dos seus filhos à medida que se acomodam ao novo contexto.

De acordo com Varela (2019), é essencial que os adultos, incluindo familiares e educadores/as, participem ativamente e interajam com as crianças durante as atividades. Essa interação fortalece os laços emocionais, mas também enriquece a experiência lúdica e estimula a imaginação das crianças, facilitando assim o processo de adaptação. No decorrer das brincadeiras, os adultos devem criar um ambiente acolhedor e desafiador, introduzindo situações que incentivem as crianças a resolver os problemas por si próprias. É importante

que os adultos respeitem as suas iniciativas, apoiando os seus interesses e sugerindo novas ideias para alargar as suas perspetivas. Dessa forma, a intervenção dos adultos é fundamental para promover a autonomia e a criatividade das crianças, facilitando a sua adaptação ao ambiente pré-escolar.

3. Metodologia

3.1. Tipo de Estudo

A presente investigação é de carácter qualitativo, permitindo assim aprofundar a compreensão do processo de adaptação das crianças a novos contextos educacionais, neste caso o pré-escolar.

O investigador assume o papel central, tornando-se o principal instrumento da investigação, logo a sua participação ativa e a sua interpretação são cruciais na recolha e análise dos dados. Este tipo de investigação é um método descritivo que se focaliza na recolha e análise de dados não numéricos, como palavras, imagens, transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, entre outros. Os métodos qualitativos são mais apropriados para investigar questões relacionadas com a compreensão do significado que os indivíduos ou grupos atribuem às suas experiências. O principal objetivo da investigação qualitativa é compreender como as pessoas interpretam e dão sentido às suas vivências (Ribeiro, 2008).

O investigador qualitativo tem interesse em explorar e compreender as diferentes interpretações que as pessoas fazem das suas experiências em momentos e contextos específicos. O pesquisador concentra-se em entender como indivíduos percebem e interagem com o mundo social ao seu redor, procurando capturar o significado subjacente dessas interações e experiências. Esta abordagem, conhecida como qualitativa interpretativa, envolve uma análise aprofundada das narrativas, perspetivas e significados que as pessoas atribuem às suas vivências (Merriam, 2002).

Os métodos qualitativos representam uma abordagem distinta na pesquisa académica quando comparadas aos procedimentos de pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa envolve diferentes pressupostos filosóficos, estratégias de pesquisa diversas e métodos distintos de recolha, análise e interpretação de dados. Embora os processos apresentem semelhanças, os métodos qualitativos fundamentam-se em dados textuais e pictóricos, incorporam etapas específicas na análise de dados e adotam uma variedade de estratégias de pesquisa (Bardin, 2011).

3.2. Questão de Investigação e Objetivos

Esta pesquisa foi conduzida com o objetivo de explorar a seguinte questão investigativa: “Quais as estratégias do/a educador/a na adaptação das crianças ao Pré-Escolar?”

Com o intuito de tornar a abordagem dessa questão mais organizada, foram estabelecidos objetivos específicos:

- Perceber qual o papel do educador no processo de adaptação das crianças ao pré-escolar;
- Compreender a importância dos pais neste processo de adaptação;
- Estabelecer algumas formas de facilitar a adaptação das crianças.

3.3. Participantes

Esta investigação centra-se nas percepções, experiências e desafios enfrentados pelas educadoras durante o período de adaptação das crianças. Contou-se com a participação de três educadoras de escolas públicas de contexto de pré-escolar situadas no concelho de Santarém, cuja contribuição foi fundamental para a realização da pesquisa. Também participaram neste estudo um grupo de 21 crianças, sendo 11 do género masculino e 10 do género feminino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade.

3.4. Instrumentos de recolha de dados

Nesta investigação utilizei um guião de observação (anexos I e II) para registar e analisar o comportamento de duas crianças que entraram para o pré-escolar na altura em que ocorreu a última prática pedagógica, o guião foi elaborado com base na literatura sobre o tema. Este guião foi elaborado para compreender as intenções destas crianças com os colegas e os adultos, bem como a sua participação nas atividades, os níveis de independência e autonomia, e a adaptação ao contexto em questão.

Além disso, procurou-se explorar as perspetivas das educadoras por meio de entrevistas (anexos III e IV). Estas são constituídas por 10 perguntas que visam compreender as práticas destas profissionais, os desafios e as estratégias no apoio à adaptação das crianças ao contexto de jardim de infância.

Paralelamente, implementei uma atividade lúdica com as crianças para promover a integração das mesmas, permitindo uma análise qualitativa da influência dessa atividade no processo de adaptação.

3.5. Processos de recolha de dados

O guião de observação foi desenvolvido para registar de forma detalhada o comportamento e as interações das crianças no contexto do pré-escolar. Durante a prática pedagógica em que o guião utilizado, foram feitas observações do comportamento das crianças. Após o final do estágio, o guião foi preenchido de forma detalhada.

As entrevistas foram estruturas em torno de perguntas específicas que visam explorar as perspetivas das educadoras, assim como as suas práticas e experiências relacionadas com a adaptação das crianças. Uma das entrevistas foi feita durante o estágio com a educadora cooperante. As restantes entrevistas foram realizadas com duas educadoras, ambas pertencentes à mesma instituição, sendo que não fizeram parte de nenhuma prática pedagógica.

No que diz respeito à atividade, esta foi realizada no decorrer da última prática pedagógica, com as crianças de forma a recolher dados acerca das suas experiências e perceções durante o período de adaptação, promovendo assim o trabalho em equipa e a socialização entre todos. Foi planeada para ser envolvente e acessível às crianças, permitindo expressar as suas emoções, pensamentos e sentimentos de maneira lúdica e criativa.

3.6. Ética na Investigação

Quando se trata de ética em pesquisas, é importante garantir a proteção dos participantes e a confidencialidade das informações recolhidas. Seguindo diretrizes éticas estabelecidas é fundamental assegurar o anonimato dos participantes e a proteção dos seus dados pessoais. De acordo com Arifin (2018), num estudo de natureza qualitativa, as preocupações éticas ganham uma relevância especial devido à profundidade envolvida no processo do mesmo. A atenção dada à questão ética torna-se mais proeminente ao conduzir entrevistas presenciais. Existe o potencial de que os/as entrevistados/as se sintam sob pressão ao expressar os seus sentimentos durante a entrevista. Por isso, de forma a preservar o anonimato e a confidencialidade dos participantes, é importante que os seus nomes e identidades não sejam revelados durante a recolha e análise dos dados.

Assim sendo, para a realização desta investigação, e em conformidade com a garantia ao anonimato e à proteção de dados, as fotografias capturadas tiveram os rostos ocultados, bem como os nomes das instituições e o nome dos participantes foram omitidos. Foi elaborado um pedido de autorização de imagens (Anexo V) apenas para fins de recolha de dados para prossecução dos estudos.

4. Apresentação da análise e discussão dos resultados

4.1. Análise e discussão do guião de observação de duas crianças em período de adaptação ao pré-escolar

O guião de observação de duas crianças em período de adaptação ao pré-escolar visa captar e analisar as interações das crianças em contexto de pré-escolar, abrangendo os seguintes aspetos: relação com os colegas, relação com os adultos, participação em atividades, expressão emocional, independência e autonomia, adaptação ao ambiente de sala e, comunicação verbal e não verbal.

Apenas duas crianças participaram, pois na altura que foi realizada a prática pedagógica, estas mesmas crianças tinham entrado pela primeira vez para o pré-escolar e foi possível realizar uma observação mais detalhada. Ambas têm três anos de idade, sendo uma delas do género feminino e outra do género masculino.

Durante o período adaptação ao pré-escolar da N., foi observado diversos aspetos positivos no seu comportamento. Uma das características observadas foi a capacidade de cooperação demonstrada pela criança durante as atividades, desde que estivesse um adulto a orientar. Caso não estivesse ninguém a orientar a criança tinha a tendência de desistir da tarefa. O entusiasmo demonstrado pela criança em relação às atividades é notável especialmente quando há um estímulo por parte de um adulto. A sua participação sugere um interesse genuíno nas atividades propostas, bem como uma disposição para aprender e para se envolver ativamente.

Ao longo do dia a N. demonstra um bem-estar geral, sente-se confortável e segura no ambiente escolar, que é fundamental para uma adaptação bem-sucedida. Este sentimento de segurança contribui para um ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento. Assim, a criança demonstra um desejo de aprender, que é evidenciado pela curiosidade em descobrir novos materiais e recursos disponíveis na sala de aula.

Além disso, destaca-se a excelente capacidade de comunicação da criança. A entrada de uma criança para uma instituição de educação pela primeira vez, implica sempre uma convivência. Como mencionam Menon e Corso (2012), as crianças necessitam de interagir tanto com os colegas como com os profissionais, embora que seja de diferentes maneiras. Nesse sentido, a excelente capacidade de comunicação demonstrada pela N. durante o processo de adaptação é um exemplo claro dessa necessidade de interação, evoluindo de uma preferência inicial por interagir com os adultos para também comunicar com os colegas.

É também capaz de expressar os seus sentimentos e pensamentos de forma confortável, que é um aspeto crucial da sua adaptação ao pré-escolar. Essa capacidade promove uma comunicação aberta e transparente, facilitando a interação entre os adultos e

as crianças, contribuindo para o desenvolvimento de capacidades socio emocionais essenciais

Para além dos aspetos positivos, foram observados aspetos negativos no comportamento da N. durante o seu período de adaptação. Uma das questões é a dificuldade que a criança tem em interagir com outras crianças quando está em momentos de brincadeira livre. Essa relutância em participar nas atividades pode ser atribuída à sua tendência de desistir facilmente diante dificuldades e à sua falta de foco durante as tarefas. A necessidade constante de incentivo para realizar as atividades sugere uma falta de confiança das suas capacidades e uma dependência significativa dos adultos para se envolver nas atividades propostas. A criança tende ainda, a ser mais reservada nas suas interações com os colegas e a envolver-se em conversas de grupo de forma dispersa, indicando uma certa dificuldade em integrar-se totalmente ao ambiente da sala.

Além disso, a criança demonstra alguma resistência quando solicitada a realizar uma atividade, muitas vezes exigindo um estímulo adicional para iniciar e completar as propostas feitas. Esta relutância em participar está associada à sua necessidade de compreender as razões por detrás das instruções, como evidenciado pelo facto de que, quando contrariada, ela exige que lhe sejam dadas explicações detalhada sobre as limitações impostas.

Reconhecendo a importância da adaptação às necessidades individuais de cada criança, os estabelecimentos educativos estão cada vez mais empenhados em oferecer um ambiente acolhedor e personalizado, onde as crianças se sintam seguras e capazes de explorar e aprender (Mazon & Guarnieri, 2017). Nesse contexto, as dificuldades enfrentadas pela N., como o controlo dos esfíncteres e a necessidade de ajuda para comer a sopa, destacam a necessidade de apoio e orientação adicionais por parte dos adultos. No entanto, é importante notar que, no final da observação, a criança já demonstrava progressos, pedindo para ir à casa de banho sozinha, o que evidencia a importância do ambiente acolhedor e personalizado para o desenvolvimento e adaptação das crianças.

Ao analisar a outra criança, foi observado alguns aspetos positivos no seu comportamento e desenvolvimento durante o período de adaptação ao pré-escolar. O D. demonstra uma persistência quando decide que se quer envolver numa atividade, evidenciando uma determinação em alcançar os seus objetivos. Além disso, o D. é autónomo em relação à alimentação, sendo capaz de se alimentar sozinho e com alguma rapidez. Outro aspeto a ser destacado é a capacidade de o D. brincar de forma independente, demonstrando uma capacidade de imaginação e criatividade ao envolver-se em brincadeiras sem depender da interação dos colegas ou dos adultos.

No que diz respeito aos aspetos negativos, uma das áreas de preocupação é a dificuldade da criança em interagir tanto com os colegas quanto com os adultos. Esta falta de capacidade social pode resultar num isolamento e dificuldades de integração no ambiente

escolar, afetando o seu desenvolvimento emocional e relacional. A criança demonstra uma relutância evidente em participar em brincadeiras conjuntas e atividades em grupo, preferindo, em vez disso, recolher-se no seu próprio espaço, o que pode dificultar a construção de relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento de capacidades sociais essenciais. Pois, como afirma Barros et al. (2019) durante o período de transição, é comum que as crianças se expressem diversas emoções. Elas podem distanciar-se, demonstrar irritação, agir de forma agressiva ou parecer desconfortáveis durante as atividades diárias. Por isso, é crucial reconhecer que cada criança responde de maneira diferente.

Outro aspeto é relativamente à falta de participação ativa nas atividades propostas, manifestada pela fala pouco expressiva e pelo encolher dos ombros. Essa falta de envolvimento pode refletir uma carência de motivação ou interesse nas atividades propostas, o que pode afetar negativamente o seu desenvolvimento. O D. mostra uma falta de iniciativa própria para iniciar atividades sozinho, dependendo em grande parte da orientação dos adultos, o que demonstra uma falta de autonomia. Como destacado por Varela (2019), é importante que os adultos respeitem as iniciativas das crianças, apoiem os seus interesses e sugiram novas ideias para expandir as suas perspetivas. Dessa forma, a intervenção dos adultos é fundamental para promover a autonomia e a criatividade das crianças, facilitando a sua adaptação ao contexto de pré-escolar. Relativamente ainda a este aspeto da autonomia, a criança ainda usava fralda, o que poderá ser um obstáculo para se tornar independente e se desenvolver.

O D. tinha dificuldades em expressar os seus desejos e necessidades, bem como lidar com a frustração. Tinha a tendência de se recolher no seu próprio espaço quando se sentia frustrado, o que sugere uma falta de capacidade de resolução de conflitos, que são importantes para o seu bem-estar. Desde que conheceu a sala que teve sempre uma preferência pela área dos jogos de chão em detrimento de outros materiais da sala, mostrando alguma resistência à exploração de diferentes recursos. Esta criança mostrava sempre sinais de cansaço e sonolência, mas quando lhe era perguntado se desejava descansar, esta dizia apenas que não queria.

4.2. Discussão dos resultados das entrevistas realizadas às educadoras

As informações recolhidas foram organizadas em categorias de análise, que podem ser encontradas no anexo VI, em que representam os vários indicadores identificados pelas educadoras. Essas categorias foram definidas antecipadamente, para facilitar a compreensão e a interpretação dos resultados. As categorias são:

- Organização do período de adaptação;
- Procedimentos e práticas utilizadas para promover a adaptação;
- Colaboração com os pais;
- Principais dificuldades das crianças;
- Integração das crianças com maior dificuldade;
- Promover a independência desde o início;
- Apresentação das rotinas para que as crianças se sintam seguras e para que compreendam o dia a dia;
- Desafios ou resistências à adaptação;
- Avaliação contínua do processo de adaptação.

Organização do período de adaptação

Relativamente à primeira categoria, que surgiu da pergunta “De que forma organiza o período de adaptação das crianças?” foi possível constatar que as educadoras privilegiam as brincadeiras livres no exterior, na medida em que algumas crianças se sentem melhor e conseguem expressar-se mais abertamente num espaço livre:

Educadora 1 - “Ter atividades lúdicas e de brincadeira que se prendam com os seus interesses, que sejam muito abertas e feitas em espaços de exterior (...)”

Educadora 2- “Algumas crianças detestam estar dentro da sala, ficam a sentir-se mal, por isso preferem estar na rua (...)”

Em concordância com as respostas das educadoras, O’Connor (2013) afirma que apesar de algumas crianças parecerem ajustar-se mais facilmente no início, mais tarde poderão enfrentar algumas dificuldades emocionais. No entanto, outras crianças podem precisar de apoio desde o início e progredir gradualmente para se sentirem confortáveis e entusiasmadas com o novo contexto.

A elaboração de um plano e a organização desta etapa são cruciais, uma vez que é necessário estar disposto a ter uma abertura, de modo a responder às mudanças que possam surgir no decorrer deste processo (Rapoport & Piccinini, 2001).

Além disso, as educadoras destacaram a importância de um horário flexível, permitindo que as crianças fiquem na escola apenas alguns momentos do dia, se os familiares tenham a possibilidade de ajudar nisso:

Educadora 1 - “As crianças fiquem na escola não o período inteiro do dia, mas poder ser facilitado por pequenos dias ou pequenos momentos, caso os pais também possam colaborar nisso.”

Educadora 3 - "Nos primeiros dias poderão ficar um período menos longo e depois ir avançando."

Estas abordagens visam criar um ambiente acolhedor e adaptável para facilitar a transição das crianças ao ambiente escolar, proporcionando-lhes liberdade para explorarem e para se familiarizarem gradualmente ao novo contexto. De acordo com Ferreira e Oliveira (2022) é essencial que os profissionais cultivem um relacionamento positivo com todas as crianças, destacando assim a importância de uma formação contínua e de qualidade, bem como de um planeamento dinâmico e flexível.

Especialmente durante a fase inicial de adaptação da criança, é crucial adotar estratégias diferentes para garantir que esta etapa seja concluída de maneira saudável, sem causar traumas à criança ou sentimentos de culpa à família, por confiar o cuidado a outras pessoas (Freytag, 2018).

Ainda nesta categoria surgiram outras subcategorias, tais como: o tratamento individualizado, pois é importante considerar as características individuais e adaptar as estratégias, o que significa oferecer uma atenção personalizada, respeitar os interesses, as limitações das crianças, criar um ambiente acolhedor e seguro que promova o seu bem-estar emocional, social e cognitivo; a adaptação gradual, permitindo assim que se acostumem progressivamente ao novo contexto, aos novos colegas e adultos, envolvendo a implementação de estratégias que introduzam gradualmente a criança aos períodos de permanência progressivamente mais longos; entre outras subcategorias que se podem observar no anexo VI, mais propriamente na tabela 4.

Procedimentos e práticas utilizadas para promover a adaptação

A partir da pergunta "Quais são os procedimentos e práticas utilizadas por si para promover a adaptação das crianças?" foi verificado que as educadoras dão preferências às atividades livres e envolventes para as crianças, priorizando a espontaneidade, a autonomia e a criatividade:

Educadora 1 - "São vários os procedimentos que se podem aplicar: o brincar lúdico sem atividades muito estruturadas e atividades muito abertas e muito amplas (...)"

Educadora 2 - "Não temos trabalhos específicos nem orientados, isto é, no brincar porque a socialização faz-se assim, de uma forma natural (...)"

Como afirma Densmore (2013) tornar a transição para o pré-escolar mais fácil pode ser feita tornando-a mais divertida através de atividades lúdicas. Usando brinquedos como

figuras, peluches ou bonecos, podem ser criadas situações que ajudem a criança a familiarizar-se com a ideia de mudança para um novo lugar. Estas atividades podem tornar o processo mais acolhedor e menos assustador, proporcionando à criança uma sensação de segurança e preparação para a nova etapa que é a adaptação das crianças a um novo contexto.

As educadoras destacaram também a integração entre crianças adaptadas e não adaptadas, de modo a promover um ambiente colaborativo para que estas se vão envolvendo na vida do pré-escolar:

Educadora 1 - "(...) vão a pouco e pouco observando e vão-se envolvendo com as crianças que já estão mais adaptadas."

Educadora 2 - "(...) envolvemos os mais velhos quase num trabalho de mentoria, ou seja, de serem mentores dos mais pequenos, para os ajudarem e eles gostam apercebendo-se que já estão crescidos."

Em conformidade com as respostas das educadoras, Gáll e Balint (2014) afirmam que a interação com outras crianças promove o desenvolvimento de capacidades sociais e a superação de desafios individuais por meio da colaboração. O ambiente social e afetivo formado dentro do grupo desempenha um papel fundamental na integração da criança na comunidade pré-escolar.

A interação com outras crianças promove o desenvolvimento de capacidades sociais e a superação de desafios individuais por meio da colaboração. O ambiente social e afetivo formado dentro do grupo desempenha um papel fundamental na integração da criança na comunidade pré-escolar.

Nas respostas a estas perguntas surgiram também outras subcategorias (tabela 5), de entre elas, esteve presente: incutir as regras aos poucos, para que as crianças compreendam e assimilem as regras de forma mais eficaz, promovendo um ambiente harmonioso e seguro para elas; estar disponível e próxima, proporcionando um ambiente acolhedor, no entanto esta disponibilidade pode ser limitada devido ao grande número de crianças na sala, dificultando a atenção individualizada; e brincar com as crianças individualmente, ou seja, proporcionar brincadeiras adulto-criança.

Colaboração com os pais

À pergunta “Como é que colabora com os pais na fase da adaptação de uma criança a um novo contexto?” surgiram quatro subcategorias (tabela 6), uma delas, o “feedback aos pais” foi referido por todas as educadoras, pois desempenha um papel crucial na promoção de uma transição suave e bem-sucedida tanto para as crianças como para as suas famílias.

Educadora 1 - "(...) ser eu a transmitir aos pais que a criança ficou bem e que já parou chorar."

Educadora 2 - "(...) vamos aos poucos vendo como é e vamos dando um retorno aos pais. Temos uma brochura que entregamos no início do ano, onde explicamos um bocadinho aos pais algumas dicas"

Educadora 3 - "Conversando, recebendo, dando, falando sobre os hábitos deles, eles partilharem connosco, porque passa muito por sentir."

Em concordância com Barros et al. (2019) estabelecer uma relação segura e de apoio a cada criança é essencial, assim como garantir uma prestação de cuidados e educação personalizados, considerando as suas necessidades individuais, temperamentos, ritmos e rotinas familiares distintas. Além disso, é crucial construir relações de confiança com os pais, que podem ter expectativas, crenças e valores diversos. A comunicação aberta e transparente é fundamental, assim como a continuidade na prestação de cuidados das crianças, baseadas numa comunicação sólida com as famílias.

Nos primeiros dias, os pais estão vulneráveis, pois estão no início do relacionamento com os profissionais de educação. Durante esse período inicial, as primeiras impressões podem ser confirmadas ou modificadas, à medida que os pais expressão as suas preocupações relacionadas com a separação temporária (Maranhão & Sarti, 2008).

Surgiram diversas subcategorias como a sinceridade na despedida que é fundamental para estabelecer uma base de confiança, sendo que os pais estão a ajudar as crianças a entender melhor a situação e a lidarem com as suas emoções de forma saudável, promovendo uma transição mais tranquila e positiva; o horário flexível que pode contribuir para reduzir a ansiedade tanto dos pais como das crianças; e o tratamento individualizado, que envolve estabelecer uma comunicação e oferecer apoio, procurando entender as necessidades específicas de cada família.

Principais dificuldades das crianças

No que diz respeito à pergunta "Quais as principais dificuldades que observa na adaptação das crianças ao jardim de infância?" constatou-se que uma das educadoras não concorda que sejam dificuldades, pois este é um processo natural.

Educadora 1 – "Mas este é um processo natural, não é um problema nem uma dificuldade, faz parte da natureza das crianças e das famílias que têm as suas ansiedades, os seus receios e os constrangimentos."

Além disso duas das educadoras concordam que este processo varia entre as crianças, pois não são iguais e têm necessidades diferentes, o que ressalta a uma importância de uma abordagem individualizada e sensível às particularidades de cada criança durante esse período de transição.

Educadora 1 - "(...) decorre sempre de um tempo, que sabemos que ele tem de existir e é diferente para cada criança."

Educadora 2 - "Depende também da criança (...) há crianças que (...) rapidamente abraçam as regras e rotina (...)"

Ao compreender que as crianças têm diferentes experiências baseadas nas suas identidades sociais, como a raça, a etnia, o género e a composição familiar, os educadores podem ajustar as suas abordagens para promover o desenvolvimento saudável de cada criança, reconhecendo e valorizando as suas diversas identidades sociais. Isso implica adaptar as práticas educativas para atender às necessidades específicas de cada criança, garantindo que todas se sintam incluídas, respeitadas e apoiadas no seu desenvolvimento integral (National Association of Young Children, 2009).

Em resposta à pergunta referida acima, surgiram ainda outras subcategorias (tabela 7), tais como: a socialização desafiadora, que para algumas crianças vindas de ambientes familiares pequenos e que tiveram pouca experiência de interação com outras crianças, poderá ser um processo desafiador; a separação que para muitas crianças é desafiadora e emotiva, resultando em sentimentos de ansiedade, tristeza ou desconforto. Devido a isso, tal como afirma Oliveira (2018) é frequente que as crianças enfrentem desconforto ao entrarem num novo ambiente, destacando a importância da intervenção e adaptação por parte dos profissionais. A sensibilidade e receptividade da equipa educativa são cruciais para assegurar que as crianças se sintam bem-vindas e protegidas durante esta fase de mudança.

Integração de crianças com maior dificuldade

Esta categoria (tabela 8) surgiu da pergunta "De que forma tenta integrar as crianças com maior dificuldade na adaptação?". Como resultado, as educadoras concordaram que uma abordagem eficaz para integrar essas crianças seria dedicar uma atenção especial a elas.

Educadora 1 - "(...) vamos adaptando as situações que melhor vemos que se adequam ao grupo e dando uma especial atenção a essas crianças com maior dificuldade."

Educadora 3 - "(...) valorizar o sentimento da criança, saber é fazê-la sentir que entendo o sofrimento dela e que estou ali para ajudar e disponível."

Em consonância com as respostas das educadoras, Gonçalves (2018) refere que quando as educadoras percebem que o grupo de crianças, incluindo aquelas com e sem NEE, estão a enfrentar dificuldades na adaptação a um novo contexto, a melhor estratégia será simplificar as atividades utilizando materiais adequados. Elas também optam por trabalhar com as crianças individualmente ou em pequenos grupos, pois este suporte é crucial para lidar com estas situações. No entanto, estas abordagens muitas vezes não são possíveis devido à falta de tempo e ao grande número de crianças na sala.

Emergiram, também outras subcategorias, nomeadamente, a oferta de escolhas, isto é permitir que as crianças tenham a oportunidade de escolher as atividades que mais lhes interessam:

Educadora 1 - "Esta transição é dar oportunidade para que as crianças escolham o que mais lhes interessa e nos momentos em que nos apercebemos que está a ver ansiedade, devemos quebrar os tempos mortos com atividades que causem uma distração (...)"

Isto pode ser feito através da introdução de atividades que proporcionam uma distração positiva. Essas atividades podem ser selecionadas de acordo com os interesses individuais das crianças, ajudando assim a criar um ambiente mais tranquilo e propício para o seu bem-estar.

Nesta categoria surgiram ainda duas outras subcategorias, que já foram abordadas em perguntas anteriores, sendo elas a estimulação de interações entre crianças adaptadas e não adaptadas, permitindo assim uma possibilidade para a criança se conectar e participar ativamente com as restantes crianças; e, o facto de todas as crianças serem diferentes e terem diversas maneiras de reagir aos acontecimentos.

Promover a independência desde o início

Na presente categoria (tabela 9), que resultou da pergunta "Como é que promove a independência da criança desde o início?" as entrevistadas centram-se principalmente na promoção da autonomia. Mencionaram o facto de ser importante focar nos interesses das crianças, com o intuito de envolver as crianças em experiências de aprendizagem que sejam significativas e estimulantes, alinhadas com os seus interesses e contextos de vida:

Educadora 1 - "Penso que é centrar as coisas nos seus interesses, no lúdico, no ambiente exterior e no ambiente que seja mais apelativo para as crianças."

Ainda dentro desse contexto, as educadoras ressaltaram a promoção da capacidade de resolução de problemas de forma independente pelas crianças e o facto de a autonomia ser incentivada na sala, que apresento a seguir, respetivamente.

Educadora 2 - "Eu acho fundamental eles serem autónomos e, desde cedo que digo que têm de resolver o seu problema sozinhos, dizendo "tu és capaz de resolver". Primeiro vou ajudando, vou apoiando e depois vou largando, e eles já conseguem fazer sozinhos, mas é fundamental que comecem a ganhar esta autonomia, até mesmo na ida à casa de banho."

Educadora 3 - "Tudo aqui é pensado para que eles consigam fazer e resolver as coisas autonomamente.";

"(...) apresentar-lhes a sala logo no início, arrumar a sala com eles diariamente. Quando jogam ajudamos a arrumar nos sítios, mas são eles que vão fazendo (...)"

Tal como é referido nas OCEPE o/a educador/a incentiva o envolvimento ativo da criança ao criar um ambiente educativo repleto de materiais variados que despertam a curiosidade e interesses das crianças. Ao permitir que a criança escolha com quem brincar e de que forma, ela é encorajada a desenvolver autonomia, tomar decisões e resolver problemas promovendo o seu crescimento pessoal. Durante o brincar, as crianças expressam a sua individualidade e criatividade, enquanto desenvolvem as suas capacidades sociais e de resolução de problemas. Esta experiência lúdica não apenas estimula a curiosidade da criança, mas também fortalece as suas capacidades interpessoais e capacidade de assumir responsabilidades, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e significativo (Silva et al. 2016).

Nas respostas à pergunta que deu origem a esta categoria, as educadoras ressaltaram também a importância na consistência na rotina que foi mencionada como fundamental para dar segurança e previsibilidade às crianças, enquanto proporciona um ambiente estruturado e organizado para o seu desenvolvimento. Por fim foi também abordado a importância dos mapas de sistematização, salientando a sua utilidade como ferramenta para planear e registar as atividades e as rotinas das crianças.

Apresentação das rotinas para que as crianças se sintam seguras e para que compreendam o dia a dia

Relativamente à apresentação das rotinas, as educadoras destacam a importância da consistência como um elemento fundamental. Referem que a consistência é crucial, pois fornece um ambiente previsível e seguro para as crianças, ajudando-as a compreender o que esperar e a sentirem-se mais seguras no ambiente escolar:

Educadora 2 - "Temos de ser muito coerentes e muito disciplinadas, e eles gostam muito disso, porque se sentem seguros e sabem o que é que vem a seguir."

"As rotinas são fundamentais, porque são securizantes e são apresentadas com a vivência das crianças (...)"

Educadora 3 - "As rotinas são sempre as mesmas, eles sabem que quando chegam brincam um bocadinho, mesmo os mais pequeninos."

Assim como as educadoras, Carvalho (2021) refere que uma rotina consistente, porém, flexível, é essencial para o desenvolvimento emocional, linguístico e de autonomia das crianças, além de as ajudar a compreender o tempo e o espaço. É importante garantir que a rotina seja estável, de modo a oferecer segurança e previsibilidade às crianças e que ao mesmo tempo se possa ajustar às mudanças e necessidades do grupo.

Foi salientado a importância de criar momentos de socialização que estejam alinhados com os seus interesses e necessidades individuais de cada criança, proporcionando oportunidades significativas para o desenvolvimento de capacidades sociais:

Educadora 1 - "(...) pode haver um momento em que são chamadas a estar num grupo, a dialogarem, a cantarem/ouvirem música, a fazer jogos e neste momento estão aquelas que conseguem estar."

Ao entrar no jardim de infância pela primeira vez, as crianças são expostas a um ambiente social novo e estimulante, onde têm a oportunidade de interagir com os colegas e com os profissionais responsáveis pelo seu cuidado e aprendizagem. Estas interações são essenciais para o seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. Além disso, as interações com os adultos dão segurança emocional e apoio, enquanto as interações com os colegas proporcionam oportunidades para explorar diferentes perspetivas e desenvolver capacidades sociais (Menon & Corso, 2012).

Durante as entrevistas, as educadoras partilharam conhecimentos sobre diversas categorias (tabela 10) além daquelas que foram abordadas anteriormente. Destacaram a importância do acolhimento a todas as crianças, criando um ambiente inclusivo e acolhedor desde o início do dia. Foi mencionada a relevância de encorajar as crianças a explorarem a sala, oferecendo oportunidades para novas descobertas. Além disso, falaram também sobre a repetição dos momentos mais atrativos para as crianças, a fim de reforçar experiências significativas. Entre outras categorias que se podem observar no anexo VI.

Desafios ou resistências à adaptação

A pergunta "Como lida com eventuais desafios ou resistências à adaptação por parte das crianças? Existem estratégias específicas para ajudar essas crianças? Quais?" deu

resultado à categoria “desafios ou resistências à adaptação”. Nesta categoria, sugeriram diversas subcategorias (tabela 11), como por exemplo, o trabalho individualizado com as crianças, envolvendo uma abordagem personalizada, na qual as educadoras dedicam tempo e atenção a cada criança individualmente:

Educadora 1 - "Pode haver estratégias específicas que algumas crianças precisam até porque os jardins de infância atualmente, têm a situação da inclusão a todas as crianças."

Educadora 3 - "A atenção individualizada, o falar, o conversar, procurar saber o que é que lhes agrada mais e investir nos primeiros momentos nos interesses daquela criança."

Os/as educadores/as podem optar por trabalhar individualmente com as crianças ou em pequenos grupos. No entanto, a falta de recursos adequados e a sobrecarga de responsabilidades podem dificultar a implementação eficaz dessas estratégias (Gonçalves, 2018).

Nesta linha de pensamento, surgiu a subcategoria da adequação de estratégias, destacando a necessidade de os/as educadores/as adaptarem as suas abordagens de ensino e intervenções para responder às necessidades específicas de cada criança.

Educadora 2 - "Não há estratégias específicas, com todos estes anos de serviço, tenho-me deparado com muitas situações. Por exemplo, com uma criança autista tenho de fazer de uma maneira, com uma criança que ainda não fala, tenho de fazer de outra forma"

De acordo com O'Connor (2013) adotar uma estratégia semelhante para todas as crianças do grupo, na esperança de que se adaptem às rotinas e atividades já estabelecidas previamente, não será o método mais adequado. Cada criança é única e segue o seu próprio ritmo de desenvolvimento. As educadoras que possuem uma postura flexível estão preparadas para lidar com as diferentes necessidades das crianças e dispõem de variadas estratégias para os apoiar.

Ainda nesta categoria, surgiram outras subcategorias, tais como: o feedback aos pais, em que as educadoras entrevistadas destacaram a importância da comunicação eficaz entre os profissionais de educação e as famílias das crianças, envolvendo a troca de informações sobre o progresso, o bem-estar e as atividades desenvolvidas na escola; a assertividade em que foi mencionado a necessidade de estabelecer limites claros, comunicar as expectativas e intervir quando necessário para garantir um ambiente seguro e respeitoso; a equidade, que envolve o reconhecimento e a valorização da diversidade de experiências, de capacidades e de perspetivas das crianças, agindo de maneira justa e imparcial para com todas elas; e, brincadeiras adulto-criança, promovendo uma relação de confiança e respeito mútuo.

Avaliação contínua do processo de adaptação

A partir da pergunta “Há alguma avaliação contínua do processo de adaptação das crianças? Se sim, como é feito?” surgiu a categoria “Avaliação contínua do processo de adaptação”. Assim, surgiram várias subcategorias (tabela 12), nomeadamente os registos que permitem que os/as educadores/as tenham uma visão abrangente sobre o desenvolvimento de cada criança, facilitando a tomada de decisões.

Educadora 1 - "São os registos, as nossas anotações escritas que fazemos a nível fotográfico ou pequeninos vídeos."

Educadora 2 - "Estes registos são individuais, até o tempo que estamos com a criança a falar, vamo-nos apropriando do que eles gostam mesmo, das mudanças que houve em relação ao ano passado. Isto na linguagem, no verbalizar, nas escolhas, nas preferências."

Assim como afirma Silva et al. (2016), ao registar o que é observado, os/as educadores/as facilitam uma reflexão inicial sobre as suas práticas, permitindo uma análise mais objetiva por meio de uma distância crítica. Estes registos fornecem com algum detalhe o desenvolvimento e o progresso das crianças, possibilitando uma compreensão mais completa de suas necessidades.

As entrevistadas referiram também a importância da observação direta como uma ferramenta essencial para compreender o comportamento, as necessidades e o desenvolvimento individual de cada criança:

Educadora 1 - "(...) uma observação sistemática em diferentes períodos com a mesma incidência em determinadas situações que eram desafiantes."

Educadora 3 - "Passam por jogos, a observação da forma como jogam, como eles estão em atividades de grande grupo, a forma como interagem uns com os outros, tudo isso é registado."

Em conformidade com as educadoras, Cardona et al. (2021) refere que a prática constante de observação permite aos/às educadores/as uma compreensão mais profunda das necessidades, interesses e adaptação de cada criança, possibilitando adaptações personalizadas do planeamento e das estratégias educacionais. Além disso, oferece às crianças um sentimento de reconhecimento e valorização da sua colaboração para o ambiente de aprendizagem, facilitando uma transição tranquila e positiva para o pré-escolar.

Surgiram também outras subcategorias, tais como: a entrevista às crianças, que permite que os/as educadores/as saibam diretamente através das crianças, os seus interesses, experiências e sentimentos em relação ao ambiente do pré-escolar; a avaliação diagnóstica, possibilitando os/as educadores/as de identificarem capacidades, áreas de

interesse e possíveis desafios; as conversas com os pais, que dá uma oportunidade aos/às educadores/as compartilharem informações sobre o progresso e o desenvolvimentos das crianças, bem como para os pais compartilharem as suas observações, preocupações e metas para os seus filhos; o portefólio construído com a criança, promovendo a autorreflexão e o desenvolvimento da autonomia; e, as avaliações periódicas ao longo do ano, permitindo que os/as educadores/as monitorizem o progresso das crianças, identifiquem as áreas que requerem de mais apoio e adaptem o planeamento conforme necessário.

4.3. Atividade “Formigueiro Coletivo”

No âmbito desta investigação, foi explorada uma atividade que se centrou na construção de um formigueiro coletivo numa folha de papel de cenário. Esta atividade foi construída não só como uma oportunidade lúdica, mas também como uma ferramenta pedagógica para promover a adaptação das crianças ao ambiente escolar e estimular o desenvolvimento de capacidades socio emocionais e cognitivas. As atividades pedagógicas que promovem a adaptação e o envolvimento das crianças, são de extrema importância para facilitar a transição para o pré-escolar de forma positiva e estimulante. Assim como afirma Varela (2019), é importante que os adultos, sejam eles educadores ou auxiliares, participem ativamente e interajam com as crianças. Essa interação enriquece a experiência lúdica e alimenta a imaginação das crianças. Os adultos, ao envolverem-se nas atividades lúdicas, devem respeitar as iniciativas das crianças e incentivar os seus interesses. Podendo sugerir novas ideias para que as crianças ampliem os seus horizontes e explorem novas possibilidades. Assim, devem atuar como facilitadores, promovendo a autonomia e a criatividade das crianças.

Ao envolver as crianças na criação de um formigueiro coletivo, é lhes proporcionado um ambiente de aprendizagem colaborativa, onde podem explorar, experimentar e interagir uns com os outros de maneira significativa. Esta atividade estimula a criatividade e a imaginação das crianças, assim como promove a construção de relações interpessoais positivas, o trabalho em equipa e a resolução de problemas.

Na última semana de estágio, foi abordado o tema das formigas, por isso houve uma conversa inicial de modo a perceber os conhecimentos prévios das crianças. Foi realizada a atividade “Formigueiro Coletivo” uma atividade que envolvia a colaboração de todas as crianças.

Esta atividade tem como objetivos: facilitar a transição das crianças para o ambiente escolar, proporcionando uma experiência lúdica e colaborativa que as ajude a sentirem-se confortáveis e envolvidas; estimular a criatividade, permitindo a exploração de diferentes

materiais e técnicas; fomentar a interação entre as crianças, promovendo o trabalho em equipa, a cooperação e a comunicação enquanto colaboram para a criação do formigueiro; introduzir conceitos básicos sobre o comportamento e a vida das formigas, estimulando o interesse das crianças pela natureza; e, proporcionar-lhes uma oportunidade de expressarem as suas ideias e contribuir para um trabalho coletivo.

Seguidamente ao acolhimento foi explicado às crianças o que iríamos fazer naquele dia, foi também mostrado o papel de cenário onde se iria construir o formigueiro. Nessa folha estava apenas delineado a separação entre o solo e o céu, fornecendo uma indicação visual do espaço destinado aos túneis das formigas. Depois foi perguntado às crianças quem queria começar a delinear os túneis das formigas. Um grupo de cinco crianças mostrou-se interessado em começar, então, a uma delas foi dada uma formiga de plástico. Cada criança, uma de cada vez, conduzia a formiga ao longo da folha enquanto um adulto desenhava os túneis de acordo com as suas sugestões.

Posteriormente, foi pedido a algumas crianças que desenhassem formigas, enquanto outras pintaram formigas com os dedos (figura 10). Além disso, foi pedido que desenhassem flores na linha do solo para criar um ambiente mais vívido e contextualizar o formigueiro. À medida que algumas crianças acabavam fui chamando outras para dar oportunidade a todas de fazer a sua formiga.

Uma outra etapa deste trabalho envolveu a colocação de alimentos nas costas das formigas. As crianças foram incentivadas a colocar uma variedade de alimentos, como milho, bagos de arroz, pequenos grãos e folhas (figura 11), para simular o comportamento natural das formigas na recolha e transporte de alimentos para dentro do formigueiro.



Figura 10 - Pintura de formigas



Figura 11 - Colagem de pedaços de folhas

Na conclusão deste trabalho, todo o cenário foi pintado utilizando a técnica da esponja (figura 12), complementada pela pintura com canetas de feltro. Esta etapa final não só acrescentou cores ao cenário, mas também permitiu que as crianças contribuíssem para a finalização do mesmo de forma significativa.



Figura 12 - Pintura do cenário

O facto de o resultado desta atividade ter sido colocado no placar fora da sala (figura 13), permitiu que todos pudessem ver o trabalho realizado pelas crianças. Esta decisão resultou no contentamento das próprias crianças, que ficaram visivelmente felizes e orgulhosas do seu trabalho em destaque. Além de promover um ambiente de valorização e reconhecimento, a exposição do trabalho também incentivou as crianças a compartilharem as suas experiências e aprendizagens com os colegas, contribuindo para um clima de colaboração e motivação.



Figura 13 - Formigueiro Coletivo

Através desta experiência, foi percebida a relevância de atividades como esta não apenas como momentos lúdicos, mas como ferramentas poderosas para auxiliar as crianças durante a transição para o pré-escolar. Ao oferecer oportunidades de envolvimento ativo,

colaboração e expressão criativa, esta atividade não só promoveu o desenvolvimento cognitivo e socio emocional das crianças, como também facilitou a sua adaptação ao novo contexto escolar. O sucesso desta atividade foi evidenciado pelo entusiasmo das crianças ao participarem e pela sua capacidade de envolvimento e colaboração, destacando assim, o potencial destas abordagens para promover uma transição suave e positiva para o pré-escolar, preparando as crianças para tal.

Identificar aspetos que não foram tão bem-sucedidos como era de esperar na atividade é fundamental para melhorar experiências futuras. Uma oportunidade perdida foi a falta de tempo para permitir que as crianças usassem as formigas que tinham desenhado anteriormente, recortando-as e colando-as no papel de cenário.

5. Conclusão do Exercício Investigativo

A realização desta investigação teve como intenção perceber qual o papel do educador no processo de adaptação das crianças ao pré-escolar, compreender a importância dos pais neste processo de adaptação e estabelecer algumas formas de facilitar a adaptação das crianças. Para isso foram usados três métodos de recolha de dados, sendo eles, a observação, a entrevista e a atividade.

A observação das crianças durante o início do seu processo de adaptação ao contexto de pré-escolar proporcionou uma visão abrangente dos desafios e dos sucessos que enfrentaram durante a transição. Ambas as crianças revelaram uma mistura de pontos fortes e fracos no seu comportamento e desenvolvimento.

Por um lado, a N. demonstrou uma excelente capacidade de comunicação e cooperação, bem como um interesse em participar ativamente nas atividades que foram sendo propostas. O seu entusiasmo e disposição para aprender é perceptível, assim como a sua capacidade de expressar os seus sentimentos e pensamentos de forma aberta, promovendo uma comunicação eficaz com adultos. Já na interação com os colegas durante os momentos de brincadeira livre, esta criança enfrentou algumas dificuldades, bem como alguma relutância em participar nas conversas de grupo. A sua dependência significativa dos adultos para iniciar e completar tarefas evidencia uma falta de autonomia, assim como questões como o controlo dos esfíncteres representam desafios que exigem apoio e orientação adicionais.

Da mesma forma, o D. demonstrou persistência e autonomia em certas áreas, como na alimentação e no envolvimento em brincadeiras autónomas. No entanto, também enfrentou dificuldades em interagir socialmente, mostrando relutância em participar nas atividades em grupo e uma falta de iniciativa própria para iniciar atividades, dependendo em grande parte da orientação dos adultos.

Foi observável em ambas as crianças, a importância da intervenção atenta e personalizada dos adultos no apoio ao seu desenvolvimento e adaptação ao contexto de pré-escolar. Reconhecer e respeitar as necessidades individuais de cada criança, oferecer o apoio adequado e criar um ambiente acolhedor e estimulante é crucial para garantir uma transição suave e um desenvolvimento saudável durante esta fase na vida das mesmas. Pois, como afirma O'Connor (2013) é importante que os/as educadores/as adotem uma abordagem flexível, de modo a demonstrar que estão preparados e capazes de responder às necessidades variáveis das crianças que estão sob os seus cuidados.

Relativamente às entrevistas realizadas às educadoras, torna-se evidente que a flexibilidade é uma das qualidades essenciais para promover o desenvolvimento saudável e bem-sucedido das crianças no contexto de pré-escolar. O destaque dado à flexibilidade é

fundamental para o/a educador/a se adaptar às necessidades individuais de cada criança, permitindo que se desenvolvam no seu próprio ritmo. Tal como afirma, Freytag (2018), durante esta fase inicial da adaptação das crianças, é essencial utilizar uma variedade de estratégias para garantir que essa transição ocorra de forma saudável e bem-sucedida. Isso é demonstrado pela importância atribuída às brincadeiras no exterior, que oferecem oportunidades para explorar e aprender, contribuindo para o desenvolvimento físico, cognitivo e socio emocional das crianças.

Priorizar a espontaneidade, a autonomia e criatividade é outro aspeto crucial destacado pelas educadoras. Esta abordagem permite que as crianças expressem a sua individualidade, desenvolvam capacidades de pensamento crítico, criativo, e construam confiança nelas mesmas. É também ressaltado o ambiente colaborativo entre as crianças adaptadas e não adaptadas, sendo fundamental para a promoção da inclusão e para o desenvolvimento social. Conforme destacado por Gáll e Balint (2014), em que a interação entre as crianças promove capacidades sociais e ajuda na superação de desafios individuais através da colaboração.

Dar feedback aos pais é uma prática essencial para manter uma parceria eficaz entre a escola e a família. Ao fornecer informações sobre o progresso e as necessidades das crianças, as educadoras estão a fornecer apoio aos pais para se envolverem ativamente no processo de aprendizagem dos seus filhos, promovendo uma colaboração significativa entre a escola e a família.

Reconhecendo a diversidade de cada criança, as educadoras enfatizam a importância de um tratamento individualizado, que inclui oferecer diversas escolhas às crianças, focar nos seus interesses e promover uma capacidade de resolução de problemas, permitindo que cada criança se sinta valorizada e apoiada. Para complementar esse cuidado personalizado, estabelecer rotinas consistentes é essencial para fornecer segurança e previsibilidade, ajudando as crianças a sentirem-se seguras e confiantes no contexto novo. Ao mesmo tempo é importante que sejam criados momentos de socialização significativos, onde as crianças tenham a oportunidade de interagir e construir relacionamentos positivos.

Em suma, a adaptação bem-sucedida das crianças ao ambiente pré-escolar requer uma abordagem abrangente e centrada na criança, que valorize a flexibilidade, a inclusão, o tratamento individualizado e a parceria entre a escola e a família. Ao criar um ambiente acolhedor e estimulante, as educadoras desempenham um papel crucial no apoio ao desenvolvimento integral de cada criança.

No que diz respeito à atividade realizada com as crianças, estas desenvolveram capacidades sociais, como partilhar, colaborar e comunicar uns com os outros. Essa interação em grupo proporcionou um ambiente seguro e acolhedor, onde as crianças puderam explorar a importância da cooperação e da construção de relacionamentos positivos com os

colegas. Além disso, ao construírem um formigueiro em conjunto, as crianças puderam praticar capacidades de resolução de problemas e desenvolver a sua criatividade e imaginação. Assim, esta atividade não apenas promove a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, mas também contribui para uma transição bem-sucedida para o pré-escolar, ao cultivar capacidades essenciais e uma atitude positiva em relação à aprendizagem e interação social.

Respondendo à questão deste estudo “Quais as estratégias do/a educador/a na adaptação das crianças ao Pré-Escolar?”, estas devem ser diversificadas e abrangentes, abordando tanto as necessidades individuais quando as do grupo como um todo. Primeiramente, é essencial que o/a educador/a perceba que o seu papel é fundamental neste processo. Isto implica não só a compreensão das suas responsabilidades no que diz respeito ao desenvolvimento e bem-estar das crianças, mas também em estar consciente da influência que exerce sobre o contexto de aprendizagem.

Além disso, é imprescindível que o profissional de educação compreenda a importância que os pais têm neste processo. Os pais são os principais agentes de apoio e segurança para as crianças, uma parceria eficaz entre a escola e a família é crucial para garantir uma adaptação bem-sucedida ao pré-escolar. Os/as educadores/as devem cultivar uma comunicação aberta e colaborativa com os familiares, partilhando informações sobre o progresso e as necessidades das crianças, envolvendo-os ativamente em todo o processo educativo.

Assim, o/a educador/a deve estabelecer formas eficazes de facilitar a adaptação das crianças ao pré-escolar. O que inclui a criação de um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, onde as crianças se sintam confortáveis para explorar, aprender e se desenvolverem. Estratégias como a promoção da autonomia, o estabelecimento de rotinas consistentes, a oferta de atividades diversificadas e a criação de momentos significativos de interação social são fundamentais para garantir que as crianças se irão adaptar bem ao novo contexto.

Por fim, as estratégias do/a educador/a na adaptação das crianças ao pré-escolar envolvem uma perceção do seu papel, uma parceria eficaz com as famílias e a implementação de práticas pedagógicas que promovam um ambiente educacional acolhedor e estimulante. Ao adotar uma abordagem integrada e centrada na criança, os educadores podem desempenhar um papel vital no apoio ao desenvolvimento integral e na adaptação bem-sucedida das crianças ao pré-escolar.

6. Reflexão Final

Este relatório apresenta uma síntese do meu percurso de aprendizagem e formação ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Todos os estágios realizados foram fundamentais para ampliar a minha compreensão e reflexão sobre as diversas práticas educativas que tive oportunidade de vivenciar. Todas as experiências contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento profissional, preparando-me para os desafios e responsabilidades que enfrentarei como futura educadora.

A realização da prática de ensino supervisionada na creche, centrou-se principalmente na observação do contexto e do grupo de crianças, visto que foi de curta duração. Enfrentei alguns desafios devido à limitação de tempo, que dificultou a construção de relações com as crianças e a adequação das atividades às suas necessidades. Também me senti um pouco constrangida ao cantar a canção do “Bom dia” com as crianças, pois senti que tinha muita pressão sobre mim, dos quais, as ajudantes de ação educativa, a educadora e a professora orientadora, no entanto, com a prática penso que conseguirei ultrapassar estas dificuldades, o que se notou nos estágios seguintes. Apesar disso, consegui estabelecer laços de amizade e confiança com as crianças ao dedicar-me à leitura de histórias e ao tempo passado com elas, oferecendo-lhes atenção e cuidado. No geral, mesmo diante dos desafios, considero que tenha sido uma experiência valiosa, proporcionando aprendizagens essenciais para o meu percurso.

Relativamente às práticas pedagógicas realizadas em jardim de infância, foram as duas bastante desafiadoras, sendo a segunda um pouco mais desafiadora que a primeira. No primeiro estágio em pré-escolar, surgiram dificuldades relacionadas com a minha comunicação verbal, reconheço que poderia ter demonstrado mais confiança no meu discurso, o que teria impactado positivamente a minha interação com as crianças e a minha capacidade de conduzir o grupo. Tive dificuldades também, para encontrar estratégias eficazes para manter a atenção do grupo durante as atividades. Alguns pontos positivos a destacar foi o facto de ter conseguido estabelecer laços de confiança e de amizade com as crianças, de diversas maneiras, tais como, brincadeiras, leitura de histórias e conversas sobre os seus interesses e descobertas. O facto de eu ser paciente, foi um aspeto positivo na relação com as crianças pois, dou-lhes espaço para expressarem a sua intenção sobre alguma atividade ou determinado assunto.

Já no segundo estágio realizado em pré-escolar, destaco a minha capacidade de reconhecer e responder às necessidades emocionais e individuais das crianças, facilitando um processo de aprendizagem eficaz e significativo. Em comparação com os estágios anteriores considero que melhorei a forma como comunico com as crianças, de forma a incentivar o diálogo aberto e a cativar a atenção das crianças. No entanto, considero que

ainda posso melhorar a comunicação com o grande grupo e as estratégias para manter o interesse e o envolvimento das crianças.

Ao longo dos estágios, tive a oportunidade de realizar atividades relacionadas com o tema da minha investigação, a adaptação ao pré-escolar, sendo uma delas o ioga, realizada no primeiro estágio em pré-escolar, pois é uma prática que promove uma sensação de tranquilidade, ajuda as crianças a relaxar e melhora o equilíbrio dos níveis de energia. Foi uma atividade que não correu da melhor forma, pois não consegui envolver as crianças com muita eficácia. No entanto tive uma segunda oportunidade para realizar esta atividade, que correu um pouco melhor, dado que consegui captar de melhor forma a atenção das crianças. No segundo estágio, pude dedicar-me à observação diária das crianças e às práticas da educadora nesta etapa crucial do desenvolvimento das crianças. Estas experiências foram extremamente valiosas para o meu percurso e para a minha investigação, pois permitiu-me compreender de forma mais profunda as dinâmicas e os desafios enfrentados pelas crianças em idade pré-escolar, bem como as estratégias utilizadas pelas educadoras. Tive ainda oportunidade de realizar uma atividade que envolvia o trabalho em equipa, permitindo que as crianças contribuam com ideias e que comuniquem com outras crianças, de modo a chegar a soluções.

Na minha opinião no decorrer do meu percurso, consegui fazer um crescimento significativo, no que diz respeito à minha confiança pessoal e capacidades profissionais. A interação contínua com as crianças, a aplicação de estratégias pedagógicas e a superação dos desafios diários foram pilares essenciais para o desenvolvimento das minhas capacidades práticas. O facto de receber feedback por parte das educadoras e das professoras orientadoras, tanto negativo quanto positivo, desempenhou um papel bastante importante na melhoria contínua e fortaleceu a minha autoconfiança ao longo do processo. Esta evolução não apenas me permitiu enfrentar os desafios com mais segurança, mas também me capacitou para proporcionar um ambiente de aprendizagem mais eficaz e significativo para as crianças.

A temática estudada nesta investigação sempre despertou o meu interesse, que foi impulsionado pela minha curiosidade em compreender não apenas os desafios enfrentados pelas crianças ao entrarem pela primeira vez numa instituição educacional, mas também as estratégias adotadas pelos/as educadores/as, tanto na creche quanto no jardim de infância.

Esta investigação teve um impacto significativo na minha visão sobre as práticas educacionais. Ao explorar o processo de adaptação das crianças ao pré-escolar e ao analisar as estratégias das educadoras nesse contexto, adquiri uma perceção mais ampla da importância de abordagens individualizadas na educação infantil. Esta pesquisa destacou a necessidade de criar ambientes acolhedores e estimulantes que promovam o bem-estar emocional e o desenvolvimento integral das crianças. Pretendo aplicar este conhecimento na

minha prática como futura educadora, implementando estratégias centradas nas crianças, contribuindo para o desenvolvimento de abordagens inclusivas, que garantam experiências enriquecedoras e positivas para todas elas nesta fase crucial.

Além das entrevistas realizadas com as educadoras, da observação direta e da atividade com as crianças, reconheço que poderia ter aprofundado a minha pesquisa incluindo entrevistas com os encarregados de educação. Entender as perspetivas e as experiências dos familiares teria sido uma mais-valia para perceber como as crianças lidam com a transição para o pré-escolar fora do ambiente escolar, bem como sobre o suporte familiar disponível durante este período crucial. Ao incluir a opinião dos encarregados de educação poderia ter obtido uma visão mais abrangente da adaptação das crianças a este contexto, permitindo uma compreensão mais completa dos fatores que influenciam este processo de transição.

Um aspeto que limitou este estudo foi a impossibilidade de investigar a adaptação das crianças à creche devido à falta de resposta por parte da instituição dentro do prazo desta pesquisa. A falta de acesso a esse contexto específico limitou a amplitude e a profundidade da minha pesquisa, no que diz respeito ao contexto de creche, impedindo uma análise completa das estratégias utilizadas pelos educadores nesse contexto.

Considerando a constante evolução das abordagens educacionais e a crescente importância dada ao bem-estar e desenvolvimento infantil, seria relevante investigar a influência do ambiente físico da escola no processo de adaptação das crianças. Estudar como a disposição dos espaços, a organização da sala e das áreas de recreio afetam a forma como as crianças se adaptam e se sentem confortáveis. Além disso, com o avanço das tecnologias, seria interessante perceber como o papel das tecnologias digitais afeta no processo de adaptação ao pré-escolar. Explorar como as ferramentas digitais podem ser incorporadas de forma eficaz e responsável neste contexto, potencializando tanto a aprendizagem como a socialização das crianças, poderia ser uma direção para futuros estudos. Como futura educadora, tenho interesse em explorar estas questões, contribuindo para um ambiente mais acolhedor, inclusivo e enriquecedor para todas as crianças.

Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escola Alexandre Herculano. (2011). *Projeto Educativo*. https://www.ae-alexandreherculano.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=136&Itemid=1
- Arifin, S. (2018). Ethical Consideration in Qualitative Study. *International Journal of Care Scholars*, 1(2), 30–33.
https://www.researchgate.net/publication/328019725_Ethical_Considerations_in_Qualitative_Study
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (3ª ed.). Almedina Brasil.
- Barros, S., Cadima, J., Pessanha, M., Peixoto, C., Coelho, V., Pinto, A., & Bryant, D. (2019). Transição de bebés para a creche: contributos da investigação para a prática. *Cadernos de Educação de Infância*, 116, 9–12.
https://www.researchgate.net/publication/319491637_A_experiencia_do_bebe_na_creche_Percecoes_de_maes_e_de_educadoras_no_periodo_de_transicao_do_contexto_familiar_para_a_creche
- Cardona, M. J., Silva, I., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e Avaliar na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>
- Carvalho, C., & Portugal, G. (2017). *Avaliação em Creche crechendo com Qualidade* (1ª ed.). Porto Editora.
- Carvalho, F. (2021). *(Re)Organização dos tempos pedagógicos: à procura de uma rotina consistente* [Relatório de Estágio, Universidade do Minho].
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/77953/1/Filipa%20Isabel%20Alves%20de%20Carvalho.pdf>
- Centro Social e Interparoquial de Santarém. (2019). *Respostas Sociais*.
<https://csisantarem.pt/respostas-sociais/>
- Densmore, A. (2013). *12 Ways to Help a Child Make the Transition to Kindergarten*. Harvard Health Publishing: Harvard Medical School. <https://www.health.harvard.edu/blog/12-ways-to-help-a-child-make-the-transition-to-kindergarten-201308166611>
- Early Childhood Learning & Knowledge Center. (2023). *Early Childhood Transitions: Supporting Children and Families*. <https://eclkc.ohs.acf.hhs.gov/publication/early-childhood-transitions-supporting-children-families>

- Early Childhood Learning & Knowledge Center. (2023). *Supporting Transitions: Using Child Development as a Guide*. <https://eclkc.ohs.acf.hhs.gov/publication/supporting-transitions-using-child-development-guide>
- Ferreira, I., & Oliveira, A. (2022). A Relação entre Professores e Crianças na Educação Infantil. *Direito, Desenvolvimento e Cidadania*.
- Freytag, F. (2018). *Adaptação na Educação Infantil: Uma Questão de Acolhimento*. [Monografia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul]. <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/server/api/core/bitstreams/bc1c00a8-7375-4f85-8762-cc4fc155bdcf/content>
- Gáll, Z., & Balint, L. (2014). Improving preschooler conduct adaptation by using a social learning program based on motion games. *Timisoara Physical Education and Rehabilitation Journal*, 7(13), 85–94. https://www.researchgate.net/publication/276511911_Improving_preschooler_conduct_adaptation_by_using_a_social_learning_program_based_on_motion_games
- Gonçalves, C. (2018). *Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais na Educação Pré-Escolar* [Master's thesis, Instituição Superior de Educação e Ciências]. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35708/1/CI%C3%A1udia%20Sofia%20Gon%C3%A7alves.pdf>
- Maranhão, D., & Sarti, C. (2008). Creche e Família: Uma Parceria Necessária. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 171–194. <https://www.scielo.br/j/cp/a/DNKnDj6ttKw gw7FCQWBXR4R/?format=pdf>
- Marques, A., Azevedo, A., Marques, L., Folque, M., & Araújo, S. (2024). *Orientações pedagógicas para Creche*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). <https://area.dge.mec.pt/OPCreche/OPC.pdf>
- Mazon, G., & Guarnieri, M. (2017). *A Adaptação e o Acolhimento da Criança na Educação Infantil: O Papel da Comunidade Escolar* [Dissertação de licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul]. <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1311/1/GUARNIERI%20e%20MAZON.pdf>
- Mendes, A. (2022). Projeto Curricular de Grupo. In *Jardim de Infância do Choupal*.
- Menon, A., & Corso, A. (2012). *Adaptação Infantil: A Relação entre a Instituição Infantil e a Família*. <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/165.pdf>
- Merriam, S. (2002). *Qualitative Research in Practice: Examples for Discussion and Analysis* (1ª ed.). Jossey-Bass. <https://stu.westga.edu/~bthibau1/MEDT%208484->

%20Baylen/introduction_to_qualitative_research/introduction_to_qualitative_research.pdf

National Association of Young Children. (2009). *Developmentally Appropriate Practice: in Early Childhood Programs* (3ª ed.). Obtido de

https://archive.org/details/developmentallya0000unse_e7t5

O'Connor, A. (2013). *Understanding Transitions in the Early Years: Supporting Change Through Attachment and Resilience* (1ª ed.).

<https://archive.org/details/understandingtra0000ocon>

Oliveira, S. (2018). *O processo de adaptação das Crianças na Educação Infantil: os Desafios das Famílias e dos Educadores da Infância* [Tese de Doutoramento, Universidade Estadual Paulista].

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9ba56731-0584-42fa-8e20-9565eaa81c0c/content>

Portaria n.º 262/2011 Do Ministério Da Solidariedade e Da Segurança Social, Diário da República: 1.ª série - N.º 167 (2011). [https://www.seg-](https://www.seg-social.pt/documents/10152/53442/P_262_2011/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17)

[social.pt/documents/10152/53442/P_262_2011/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17](https://www.seg-social.pt/documents/10152/53442/P_262_2011/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17/cdd39e6e-3de4-4503-8856-2263a72f8d17)

Rapoport, A., & Piccinini, C. (2001). O Ingresso e Adaptação de Bebés e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspetos Críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 81–95.

<https://www.scielo.br/j/prc/a/5GPg5rM88QtThRNMxHFXPb/?format=pdf&lang=pt>

Ribeiro, E. (2008). A perspetiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência*, 4(4), 129–148. <https://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/806/858>

Silva, A. (2022). *Projeto Pedagógico de Sala*. Centro Social e Interparoquial de Santarém.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Varela, N. (2019). *A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância* [Tese de mestrado]. Universidade do Algarve.

Anexos

Anexo I - Guião de observação de duas crianças em período de adaptação

1. Informações Gerais:

Período de observação:

Nome da criança:

Idade:

2. Relações com os colegas

Como a criança interage com os colegas? Como é a sua disposição para partilhar brinquedos e materiais? Como é a sua capacidade de cooperar em atividades de grupo?

3. Relações com os adultos

Como é que a criança se comunica com os professores e outros adultos da sala? A criança procura apoio ou interação com os adultos? Como é a resposta da criança a orientações e feedback?

4. Participação nas atividades

Qual o nível de envolvimento da criança em atividades propostas? É persistente face aos desafios? Tem capacidade de seguir instruções?

5. Expressão Emocional

Que expressões emocionais a criança demonstra durante as diferentes situações? Como a criança lida com emoções com a frustração, alegria, surpresa, entre outros? Como é a sua capacidade de expressão necessidades e desejos?

6. Independência e autonomia

Qual é o grau de autonomia relativamente às atividades diárias (vestir-se, alimentar-se, entre outros)? Como é a iniciativa da criança em realizar tarefas sem supervisão constante?

7. Adaptação ao ambiente

Notar como a criança se adapta ao ambiente físico da sala. Como explora as diferentes áreas e materiais? Como reage à mudança da rotina?

8. Comunicação verbal e não verbal

Como é a capacidade da criança relativamente à comunicação verbal? Observar as expressões faciais e a linguagem corporal. Como é a compreensão da criança a instruções e respostas a perguntas

Anexo II - Guião de observação de duas crianças em período de adaptação (Completo)

Criança 1

1. Informações Gerais:

Período de observação: de novembro de 2023 a janeiro de 2024

Nome da criança: N.

Idade: 3

2. Relações com Colegas:

A criança apresenta dificuldades em interagir e partilhar com as outras crianças os brinquedos, indicando uma preferência por manter os seus pertences para si mesma. Além disso, durante os jogos com muitas peças, ela tem dificuldade em dividir e colaborar com os outros, o que pode ser um reflexo de uma capacidade ainda em desenvolvimento para entender e praticar a competência de partilhar.

No entanto, é importante destacar que a criança mostra capacidade de cooperar em atividades de grupo quando há alguém a orientar. Isso sugere que ela se sente mais confortável em participar ativamente em situações sociais, quando tem um adulto a orientar. Ela sente-se mais segura e confiante quando sabe que há alguém disponível para oferecer apoio e orientação durante as atividades em grupo.

3. Relações com Adultos:

A N. tem uma notável capacidade de comunicação, destacando-se na interação com adultos em comparação com os colegas, especialmente nos intervalos. Contrariamente a participar em brincadeiras com as outras crianças, ela opta por permanecer próximo dos adultos, colocando-se em conversas com eles.

Além disso, é observado que em algumas ocasiões ela tenta direcionar a atenção dos adultos para diferentes tópicos por meio de outras conversas. Quando lhe pedimos para realizar uma tarefa e ela demonstra relutância, muitas vezes tenta mudar de assunto como forma de evitar a solicitação.

4. Participação nas Atividades:

Ela envolve-se entusiasticamente em diversas atividades e está sempre disposta a participar em tudo, demonstrando interesse e vontade. No entanto, a sua persistência pode ser limitada, pois ela tende a desistir facilmente quando encontra dificuldades ou

contratempos. A criança mostrou-se capaz de compreender e executar tarefas simples, como organizar materiais naturais em conjuntos ou seguir as direções para uma atividade em grupo. No entanto, ela precisou de ser lembrada para manter o foco e completar as tarefas de forma independente.

5. Expressão Emocional:

No decorrer do dia, a criança geralmente sente-se bem, desfrutando de momentos felizes e participando em atividades com entusiasmo. No entanto, quando é contrariada, ela pode começar a sentir-se frustrada e exigir uma explicação detalhada sobre o que está a acontecer e o porquê de ela seguir determinadas instruções. Apesar desses momentos de frustração, ela mantém uma disposição geralmente positiva e é considerada uma criança feliz, demonstrando alegria e interessa com situações desafiadoras, o que indica um desejo de aprender e de cooperar.

6. Independência e Autonomia:

Quando as atividades são direcionadas pelos adultos, a criança demonstra necessidade de incentivo e apoio para dar continuidade à mesma, procurando assim uma validação de que está a seguir o caminho correto. Na hora das refeições, ainda não desenvolveu independência, precisando de ajuda para comer a sopa. Quando questionada sobre esse comportamento, justifica que a mãe lhe disse para parar de comer quando estiver satisfeita, o que resulta em comer apenas uma colher de sopa. No entanto, quando são os adultos a dar a sopa, ela demonstra capacidade de comer tudo. No início da sua chegada ao jardim de infância, ela enfrentava algumas dificuldades em controlar os esfíncteres, demonstrando um certo receio em pedir para ir à casa de banho. Com o passar dos dias, ela foi-se adaptando gradualmente a essa rotina.

7. Adaptação ao Ambiente:

Esta criança demonstrou uma notável capacidade de adaptação ao ambiente físico da sala de aula, explorando ativamente as diferentes áreas e participando de uma variedade de jogos e atividades. Ela sente-se à vontade em diversos espaços da sala, demonstrando curiosidade e interesse em descobrir novos materiais e recursos disponíveis. Além disso, a sua interação com os jogos revela uma abordagem exploratória e criativa, sugerindo um forte desejo de aprender e experimentar. A sua capacidade de se envolver em diversas atividades e explorar diferentes áreas da sala demonstra uma adaptação positiva e uma disposição para explorar e aprender num ambiente novo e estimulante.

8. Comunicação Verbal e Não Verbal:

Além de demonstrar facilidade para se comunicar com os adultos, a N. também exige capacidades verbais expressivas, mostrando-se confortável em expressar os seus pensamentos e sentimentos. No entanto quando se trata de interagir com outras crianças, ela mostra-se mais reservada e menos inclinada para se envolver ativamente nas conversas e atividades em grupo. É importante observar que, ao responder a perguntas ou participar em conversas, a criança às vezes pode apresentar uma tendência a divagar ou a dar muitas voltas antes de chegar ao ponto central da questão.

Criança 2

1. Informações Gerais:

Período de observação: de novembro de 2023 a janeiro de 2024

Nome da criança: D.

Idade: 3 anos

2. Relações com Colegas:

Durante as atividades livres, observou-se que a criança frequentemente optava por brincar sozinha, demonstrando uma preferência por se envolver em atividades individuais em vez de interagir com os colegas. Além disso, foi notado que a criança não demonstrava disposição para compartilhar os brinquedos com os colegas durante as atividades em grupo. Quando confrontada com a situação em que outro colega queria participar na brincadeira, ela reagia de forma assertiva, tomando a iniciativa de retirar o objeto das mãos da criança sem hesitação.

3. Relações com Adultos:

Observou-se que a criança apresenta uma relutância em buscar apoio ou interagir com os adultos. Em vez disso, é necessário que os adultos iniciem a interação e ofereçam suporte, seja para auxiliá-lo em atividades ou para verificar se precisa de ajuda. Durante conversas em grupo, ele demonstra uma falta de participação ativa, respondendo de forma pouco expressiva, muitas vezes encolhendo os ombros em vez de fornecer uma resposta clara. Nesse sentido, é necessário um esforço adicional por parte dos adultos para envolvê-la nas conversas, adaptando a forma como as perguntas são feitas para garantir uma melhor compreensão e participação por parte da criança.

4. Participação nas Atividades:

A criança demonstra relutância em envolver-se em atividades, preferindo observar um exemplo antes de decidir se quer participar ou não. Além disso, é notável que ela não demonstra iniciativa própria para iniciar atividades sozinho, precisando de orientação ou estímulo externo. Por outro lado, quando decide envolver-se, mostra persistência, desde que a tarefa não seja muito complexa, o que indica um desejo de completar as atividades em que se envolve.

Quanto à capacidade de seguir instruções, a criança geralmente consegue cumprir as orientações dadas. No entanto, caso não compreenda algo, ela tende a encolher os ombros em vez de comunicar que não entendeu, o que pode dificultar a identificação de suas necessidades de apoio e compreensão por parte dos adultos.

5. Expressão Emocional:

Quando a criança fica frustrada, ela recolhe-se no seu próprio espaço, o que poderá demonstrar tristeza de forma discreta. Quando é solicitada a fazer algo que não deseja, ele costuma apenas encolher os ombros em resposta, indicando uma falta de expressão verbal de seus sentimentos e preferências.

Além disso, foi observado que a criança tinha dificuldade em expressar os seus desejos e necessidades, pois raramente iniciava conversas com os adultos. Era necessário insistir para que ela se comunicasse, evidenciando uma relutância ou dificuldade em se expressar verbalmente e compartilhar seus pensamentos e sentimentos.

6. Independência e Autonomia:

No que diz respeito à alimentação, a criança demonstrava autonomia, sendo capaz de comer sozinho sem qualquer dificuldade ou necessidade de ajuda. No entanto, devido ao uso de fraldas, não foi possível observar o seu grau de autonomia nesse aspeto. Quanto ao seu comportamento durante as atividades de brincadeira livre, a criança mostrava-se bastante independente, divertindo-se sozinho e encontrando entretenimento com diversos materiais.

7. Adaptação ao Ambiente:

A criança demonstrava uma preferência pela área dos jogos de chão da sala, mostrando pouco interesse em explorar as outras áreas. Mesmo quando oferecidas opções para brincar em diferentes locais, a criança frequentemente recusava e preferia permanecer

na mesma área. Além disso, dentro dessa área, ela tendia a focar-se apenas em um dos materiais disponíveis, ignorando os restantes.

Quando havia mudanças na rotina, como sair da sala para realizar atividades ao ar livre ou noutra sala, a criança parecia sentir-se desorientada ou perdida com a transição.

8. Comunicação Verbal e Não Verbal:

A criança apresentava uma comunicação limitada, mostrando pouco interesse em participar em conversas de grupo e respondendo com gestos, como encolher os ombros, em vez de verbalizar as suas respostas. Parecia demonstrar sinais de cansaço frequentemente, no entanto, quando questionada sobre se gostaria de descansar ou dormir, raramente expressava vontade de fazê-lo.

Anexo III - Guião das entrevistas

1. Há quantos anos é educadora?
2. De que forma organiza o período de adaptação das crianças?
3. Quais são os procedimentos e práticas utilizadas por si para promover a adaptação das crianças?
4. Como é que colabora com os pais na fase da adaptação de uma criança a um novo contexto?
5. Quais as principais dificuldades que observa na adaptação das crianças ao jardim de infância?
6. De que forma tenta integrar as crianças com maior dificuldade na adaptação?
7. Como é que promove a independência das crianças desde o início?
8. De que maneira são apresentadas as rotinas para ajudar as crianças a sentirem-se seguras e a compreenderem o decorrer do dia?
9. Como lida com eventuais desafios ou resistências à adaptação por parte das crianças? Existem estratégias específicas para ajudar essas crianças? Quais?
10. Há alguma avaliação contínua do processo de adaptação das crianças? Se sim, como é feito?

Anexo IV - Entrevistas às educadoras

Educadora 1:

1. Há quantos anos é educadora?

Acabei o curso em 1986 e depois iniciei a atividade profissional em fevereiro de 1987, ou seja, sou educadora há 36 anos.

2. De que forma organiza o período de adaptação das crianças?

Ter atividades lúdicas e de brincadeira que se prendam com os seus interesses, que sejam muito abertas e feitas em espaços de exterior, deixando que circulem pelo espaço com liberdade, sem ter a organização que vamos tendo ao longo do ano que será um pouco mais restrita. Depois vamos tendo ao longo do ano alguma abertura para que os pais possam ter liberdade de adaptar períodos transitórios, se for isso o importante para a criança. Isto é, as

crianças ficarem na escola não o período inteiro do dia, mas poder ser facilitado por pequenos dias ou pequenos momentos, caso os pais também possam colaborar nisso.

3. Quais são os procedimentos e práticas utilizadas por si para promover a adaptação das crianças?

São vários os procedimentos que se podem aplicar: o brincar lúdico sem atividades muito estruturadas; atividades muito abertas e muito amplas; deixar a criança estar na sua forma de bem-estar de rotina sem atividades muito estruturadas; a escolha mais livre de atividades; o jogo e o brincar muito; os fantoches, ou seja, coisas que sejam muito apelativas, como ter música; não obrigar a realizar atividades, deixando estar e eles depois vão a pouco e pouco observando e vão-se envolvendo com as crianças que já estão mais adaptadas.

4. Como é que colabora com os pais na fase da adaptação de uma criança a um novo contexto?

Explicar aos pais que há momentos que pode haver choro, por isso os pais têm de ter a atitude de dizer às crianças que elas vão ficar no Jardim de Infância e não devem mentir, não devem dizer que voltam já e na verdade não voltam logo. Portanto dizer a verdade e facilitar para que os pais possam vir ao Jardim buscá-las mais cedo e também ser eu a transmitir aos pais que a criança ficou bem e que já parou chorar. Por vezes os pais têm também muita ansiedade e essa emoção é também transmitida aos filhos, outra coisa que também é importante é o facto de haver um brinquedo ou um objeto de transição. Há crianças que necessitam de o ter e, portanto, devem trazê-lo para ter segurança, para ter aquela ligação com a casa, com conforto e com a família.

5. Quais as principais dificuldades que observa na adaptação das crianças ao jardim de infância?

Não chamo dificuldades porque este é um processo natural, em que as crianças vivem até à entrada no Jardim de Infância, caso não tenham frequentado a creche. Se tiveram a creche esse é um fator facilitador porque já têm a socialização, a relação com outros adultos que não são os da família. Mas este é um processo natural, não é um problema nem uma dificuldade, faz parte da natureza das crianças e das famílias que têm as suas ansiedades, os seus receios e os constrangimentos. Por isso, decorre sempre de um tempo, que sabemos que ele tem de existir e é diferente para cada criança. Sendo este um procedimento natural e depois vamos trabalhando isso com os fatores facilitadores de respeitar os interesses, fazer algumas vontades e distraí-los.

6. De que forma tenta integrar as crianças com maior dificuldade na adaptação?

Esta transição é dar oportunidade para que as crianças escolham o que mais lhes interessa e nos momentos em que nos apercebemos que está a ver ansiedade, devemos quebrar os tempos mortos com atividades que causem uma distração nas crianças, para que elas não sintam o tempo a demorar a passar. Isto será o mais facilitador porque o tempo para eles é imenso, um dia de escola para as crianças, que estão a fazer uma adaptação, é muito tempo por isso, nesse período temos as atividades livres, e vamos adaptando as situações que melhor vemos que se adequam ao grupo e dando uma especial atenção a essas crianças com maior dificuldade.

7. Como é que promove a independência das crianças desde o início?

Penso que é centrar as coisas nos seus interesses, no lúdico, no ambiente exterior e no ambiente que seja mais apelativo para as crianças. Neste ponto temos de ter um poder de observação para as conhecermos rapidamente, pois algumas delas que estão em fase de adaptação podem não verbalizar e não interagir muito bem com os colegas nem connosco. Assim sendo, é importante existir um observar atento da situação em que a criança se encontra e, tentarmos tirar as ilações sobre onde podemos agarrar a criança e chamá-la ao grupo.

Se as dificuldades permanecerem quando existe uma estrutura familiar, é importante dizer às famílias para fazer a fase da adaptação por períodos, por exemplo ir ao jardim de infância só da parte da manhã e a criança aí sente que não tem tanto tempo na escola. Também pode acontecer a criança nesta fase inicial não ter o período do almoço, pois a refeição poderá criar ali um momento de conflito. Por vezes, as crianças não querem comer, associam a que a mãe esteja presente ou que seja a comida de casa. O facto de não almoçarem logo pode ser um fator facilitador, mas como eu disse para isto acontecer tem de existir uma estrutura familiar que consiga apoiar estes horários ou os momentos transitórios de adaptação.

8. De que maneira são apresentadas as rotinas para ajudar as crianças a sentirem-se seguras e a compreenderem o decorrer do dia?

Começa logo pelo acolhimento em que integramos todas as crianças, mas libertamos, depois num espaço da sala ou, por vezes, poderá surgir no exterior já que setembro tem os períodos de bom tempo. Aí como brincar na rua é uma coisa extraordinária para elas e, se isso for um fator muito determinante para o bem-estar das crianças com maior dificuldade de

integração pode ser aí que as acolhemos, sendo que as mais autónomas já estão mais libertas e, portanto, centramos a nossa atenção nas outras crianças.

Na sala fazemos da mesma forma, com atividades abertas com amplitude para que eles possam explorar a sala e os materiais que mais se interessam, nesta altura ainda não temos de ter aquela fase de rotina organizada. Depois pode haver um momento em que são chamadas a estar num grupo, a dialogarem, a cantarem/ouvirem música, a fazer jogos e neste momento estão aquelas que conseguem estar. Seguidamente há outro momento, em que elas começam a pouco e pouco a escolher as atividades, estas podem ser logo as mais aliciantes, como por exemplo, as expressões com a tinta, com a água, com os objetos que brincam, pode ser no exterior pois o mês de setembro permite isso. E depois vamos a pouco e pouco repetindo sequências que vemos que são os momentos mais apelativos para as crianças. Isto acontece quando há um grande número de crianças pela primeira vez no jardim de infância, quando não é a primeira vez delas na escola já existe uma rotina mais organizada no espaço de sala, porque já conhecem de anos anteriores os materiais que existem. Também pode surgir uma sala que se vai organizando com a própria chegada das crianças e que se organize com o que elas querem desde a montagem dos espaços jogos, à casinha, às expressões, às dramatizações, portanto, tudo isto pode ser construído, dependendo das crianças que temos em presença.

9. Como lida com eventuais desafios ou resistências à adaptação por parte das crianças? Existem estratégias específicas para ajudar essas crianças? Quais?

Pode haver estratégias específicas que algumas crianças precisam até porque os jardins de infância atualmente, têm a situação da inclusão a todas as crianças. Por isso tem de haver um atendimento a todos, independentemente das características que eles tenham e, pode passar por ir percebendo e falando em grupo dessas situações, para que todas as outras crianças compreendam que há certas dificuldades em estar uns com os outros, e por isso temos de ajudar todos em conjunto. Pode passar por uma situação em que temos de pedir ou temos de reunir com os pais, pode haver situações que não compreendemos porque é que surgem determinados desafios ou resistências e, noutras é compreender e sermos assertivos naquilo que temos de fazer.

A criança ao denunciar certos desafios está a apelar por ajuda e segurança e, é necessário perceber o que pode e o que não pode fazer. Contudo, por muito que não seja agradável para a criança estarmos a dizer que não pode ter determinado comportamento, quando ela o compreende temos de dizer que não e ser firmes no que dizemos. Isso ajuda a estruturar o que aquela criança pode ou não fazer dentro daquela situação. No entanto, podemos dar-lhe duas ou três situações e ela pode fazer as suas escolhas. Este é um fator

que as ajuda a organizar-se, pois as crianças muito desafiadas também querem pôr o adulto à prova e querem sentir que conseguem manipulá-lo.

10. Há alguma avaliação contínua do processo de adaptação das crianças? Se sim, como é feito?

São os registos, as nossas anotações escritas que fazemos a nível fotográfico ou pequeninos vídeos, as entrevistas às crianças em determinados momentos e, também uma observação sistemática em diferentes períodos com a mesma incidência em determinadas situações que eram desafiadas. Como é aquela situação que vamos observar objetivamente em vários períodos diferentes, começamos a ver que existe ali uma evolução que precisamos de fazer, e poderá haver necessidade de fazer algum reajuste em termos de estratégias, de estímulos e de desafios, de modo a orientar a nossa ação perante aquela criança, porque para cada uma delas temos que ter, às vezes, um procedimento, embora que seja o mesmo, a nossa atitude poderá tomar caminhos e etapas diferentes, umas mais facilitadoras e outras menos.

Educadora 2:

1. Há quantos anos é educadora?

Tenho 44 anos e meio de serviço, ou seja, em setembro faria 45 anos.

2. De que forma organiza o período de adaptação das crianças?

Aqui o nosso jardim de infância é formado por grupos heterogéneos, portanto nós temos crianças de todas as idades. E fazemos sempre o mês de setembro dedicado à adaptação, achamos fundamental este período, não só para as crianças que já frequentaram o Jardim de infância, sendo que existe uma readaptação, mas também para com os nossos pequeninos que temos de ter um cuidado especial, um tratamento mais individualizado. Algumas crianças detestam estar dentro da sala, ficam a sentir-se mal, por isso preferem estar na rua, outras crianças é ao contrário ficam deslumbradas com o espaço, com as oportunidades novas de pinturas, de jogos e brincadeiras. Portanto temos de adequar, com muito cuidado, pois é um período muito trabalhoso. Cada vez temos crianças mais novas, às vezes, temos crianças que não controlam esfíncteres. Portanto, a pouca autonomia própria destas idades, também é um trabalho acrescido. Mas sim é um trabalho muito cuidado e o mês de setembro é dedicado sempre a isso.

3. Quais são os procedimentos e práticas utilizadas por si para promover a adaptação das crianças?

É um trabalho muito cuidado e muito atento, para além disso envolvemos os mais velhos quase num trabalho de mentoria, ou seja, de serem mentores dos mais pequenos, para os ajudarem e eles gostam apercebendo-se que já estão crescidos. Eu falo com eles antes dizendo que vão ajudar aquele amigo. Depois em relação às regras, é muito difícil as crianças pequeninas conseguirem seguir, pois quando vêm são muito egocêntricos, gostam muito de brincar só com eles. Portanto não pode ser um trabalho de rompante, tem de ser um trabalho com muita paciência e indo inculcando as regras dizendo-as aos poucos. Não temos trabalhos específicos nem orientados, isto é, no brincar porque a socialização faz-se assim, de uma forma natural com os mais velhos embrenhados já nesta rotina que depois acabam por aglutinar os mais novos na vida do Jardim de Infância.

4. Como é que colabora com os pais na fase da adaptação de uma criança a um novo contexto?

Antes havia uma prática que eu achava muito boa em que tínhamos uma entrevista prévia com cada familiar, isso para nós, era muito bom porque sabemos tudo sobre o contexto daquela criança, ou seja, quais são as práticas que tem no seu dia a dia, como é a relação com a/o mãe/pai, como é o apego, entre outros tópicos, isto tudo é importante. Agora não temos, e, portanto, é um bocadinho mais difícil, mas vamos aos poucos vendo como é e vamos dando um retorno aos pais. Temos uma brochura que entregamos no início do ano, onde explicamos um bocadinho aos pais algumas dicas, porque há pais por exemplo que se demoram muito no adeus, outros pelo contrário, fogem da vista da criança, o que é péssimo porque eles depois ficam perdidos. Portanto, tentamos aos poucos ir vendo e ajudando nestas práticas e nestas atitudes dos pais para com os filhos para não ser muito demorado nem fugirem, na despedida que é muito importante.

5. Quais as principais dificuldades que observa na adaptação das crianças ao jardim de infância?

Depende também da criança, por exemplo, há crianças de famílias grandes que entram neste espaço e é como se estivesse em casa, rapidamente abraçam as regras e a rotina, mesmo com 2 anos. As que têm um meio familiar diferente, que não brincavam com outras crianças, a socialização e a adaptação é um pouco difícil, pois é necessário dar muito colo, dar atenção, e depois, aos poucos vamos largando as amarras. É um processo duro,

primeiro há que agarrar e cuidar mais e aos poucos vamos largando a mão e dando autonomia.

6. De que forma tenta integrar as crianças com maior dificuldade na adaptação?

É acarinhando e provocando, às vezes situações para ir brincar com outros mesmo que os outros não os queiram convidar, às vezes forçando um bocadinho, outras vezes não interferindo, depende da criança. Como disse, há crianças que demoram imenso tempo e há crianças que parece que se adaptaram e depois passado um mês fazem um grande choro. Nós temos agora uma criança que é indiana, nunca me tinha acontecido, fala hindi e inglês em casa, o pai fala português connosco, mas a criança não fala aqui nada. Nós temos tentado de tudo e é mais fácil serem as crianças, e nós através da criança chegarmos à criança que queremos através das outras do que sermos nós. Isto aqui há uma coisa que que é relevante referir que o importante é a equipa também, não ser só o trabalho da educadora, mas também das auxiliares, é fundamental agirmos como um todo.

7. Como é que promove a independência das crianças desde o início?

A minha prática pedagógica é um binário de disciplina e amor, ou seja, aperto, largo e adoço. Eu acho fundamental eles serem autónomos e, desde cedo que digo que têm de resolver o seu problema sozinhos, dizendo “tu és capaz de resolver”. E depois aos poucos vamos ajudando, não é para eles conseguirem fazer tudo nas primeiras vezes. Primeiro vou ajudando, vou apoiando e depois vou largando, e eles já conseguem fazer sozinhos, mas é fundamental que comecem a ganhar esta autonomia, até mesmo na ida à casa de banho. Primeiro vamos com eles, mas depois temos de os deixar ir sozinhos, incentivando para tal. Há situações, por exemplo, de limpar o rabinho, nesse caso não pode ser, pois eles não conseguem, até por causa de questões físicas, porque não conseguem chegar com a mão ao rabinho. Portanto, essas situações não, contudo, fazer xixi, lavar as mãozinhas, deixamos que vão sozinhos, mas, sempre com supervisão. No entanto, é importante que essa supervisão não seja muito em cima deles, convém que seja mais longe, mais alargada.

Uma das coisas que eu tenho visto, é que eu consigo cuidar melhor do recreio quando estou dentro do jardim, a olhar da janela para fora, do que dentro do recreio. Comecei a ver que se eu vier aqui para dentro e estiver por trás dos vidros a ver não sou parte do recreio. Porque se estou dentro do recreio ou se estou no espaço exterior, acabo por ser parte dele. Quando estou de fora, tenho um olhar diferente, e é importante, às vezes, ir tomando notas do que estou a observar, por exemplo, se aquela criança continua a brincar sozinha, se brinca ao lado, se ainda não consegue brincar em conjunto. Eu gosto de ir escrevendo, para

perceber o que é que eu hei de fazer para cada um e depois já se consegue atuar de uma maneira melhor.

8. De que maneira são apresentadas as rotinas para ajudar as crianças a sentirem-se seguras e a compreenderem o decorrer do dia?

As rotinas são fundamentais, porque são securizantes e são apresentadas com a vivência das crianças, porque aqui nós dizemos primeiro o que vamos fazer e depois vamos fazendo, mas a informação entra a cem e sai a duzentos. As rotinas vão sendo interiorizadas, praticando a rotina. Temos de ser muito coerentes e muito disciplinadas, e eles gostam muito disso, porque se sentem seguros e sabem o que é que vem a seguir. Claro que há dias que é bom quebrar a rotina, mas este chão sempre seguro é importante.

9. Como lida com eventuais desafios ou resistências à adaptação por parte das crianças? Existem estratégias específicas para ajudar essas crianças? Quais?

Não há estratégias específicas, com todos estes anos de serviço, tenho-me deparado com muitas situações. Por exemplo, com uma criança autista tenho de fazer de uma maneira, com uma criança que não fala ainda, tenho de fazer de outra forma. Esta criança agora foi-se embora por isso, tenho de repensar outras estratégias.

Tudo isto são desafios que tenho, mas que não há nenhum manual que possa seguir, era ótimo que houvesse, mas não há, e isso é o encanto de ser educadora de infância, na minha opinião. Eu dou por mim, a pensar em casa, o que eu vou fazer com aquilo, o que eu fiz e se eu fizesse daquela forma, será que daria resultado. Vou experimentando e adequando as coisas de maneira que não seja muito forçado, porque nem os outros gostam, nem o próprio gosta, mas sim, dá-nos dores de cabeça, sim! Às vezes, não fazemos o trabalho certo, eu fico furiosa quando isso acontece, penso por que razão fiz aquilo daquela forma e que aquilo não era mesmo o que estava a precisar. Depois é preciso andar para trás e tenho de refazer, mas é por isso que a educação é muito desafiante e interessante.

10. Há alguma avaliação contínua do processo de adaptação das crianças? Se sim, como é feito?

Só do processo de adaptação não há, mas aqui neste jardim, eu e minha colega fazemos assim: temos aquele mês de brincadeiras livres, de experimentar tudo, depois acaba o mês e vamos fazer uma avaliação diagnóstica. Fizemos umas grelhas onde vamos colocando informações. Algumas dessas informações são escritas por nós sobre conversas

que temos com as crianças, por exemplo podemos perguntar o que gostam de fazer aqui, quais são as áreas que gostam. Estes registos são individuais, até o tempo que estamos com a criança a falar, vamo-nos apropriando do que eles gostam mesmo, das mudanças que houve em relação ao ano passado. Isto na linguagem, no verbalizar, nas escolhas, nas preferências.

Depois também é importante avaliar as competências em todos os níveis. E temos também umas grelhas que fazemos, outras vezes apenas pedimos para desenharem a família e vamos vendo o desenho, se ele sabe contar o que fez ou se se fecha e não diz nada, temos uma série de instrumentos que construímos as duas. Isso é para avaliar a adaptação, para percebermos em que ponto eles estão e que até fazem parte dos processos individuais das crianças para falarmos com os pais, em que se vai aferindo, por exemplo, que cores é que eles sabem, se sabe contar, se sabem reconhecer algumas formas, essas competências “académicas” que também gostamos de ir vendo, para depois sabermos que caminho vamos escolher.

Educadora 3

1. Há quantos anos é educadora?

Sou educadora há 40 anos.

2. De que forma organiza o período de adaptação das crianças?

Em princípio, antes das crianças chegarem e antes da primeira reunião de pais, sensibilizamos as famílias para esse aspeto da adaptação e para a importância de o fazerem de uma forma gradual, sendo que nos primeiros dias poderão ficar um período menos longo e depois ir avançando. Quando eles são daqui e vêm com a família deixar o irmão, também gostamos que eles possam entrar na sala, para começarem a ter um pequeno contacto. Depois vamos dando informação, acompanhando com os pais e falando à medida que as coisas decorrem de uma forma mais ou menos emotiva.

3. Quais são os procedimentos e práticas utilizadas por si para promover a adaptação das crianças?

Nestes primeiros dias, estar muito mais disponível, muito mais próxima, o que nem sempre é possível, uma vez que temos uma sala que pode ter 25 crianças e muitas vezes, é difícil dar a atenção que cada um mereceria e precisaria, mesmo a nível dos pais. Porque, às

vezes, nem são só as crianças que precisam de uma atenção, os pais também poderão estar num sofrimento ainda maior e que depois esse sofrimento também é transmitido às crianças.

E é mais fácil quando, por exemplo, este ano tive só quatro crianças a entrar de novo. Embora haja crianças que já frequentaram o jardim, mas que nos primeiros dias, a readaptação ainda é difícil. Quando são menos entrar de novo, normalmente, os que já frequentaram já estão adaptados, já estão dentro das rotinas e rapidamente ficam bem. Agora, os novos, esses sim, precisam de mais colo, mais carinho, mais atenção. Um brincar mais a par connosco, um adulto e uma criança que nem sempre é possível.

4. Como é que colabora com os pais na fase da adaptação de uma criança a um novo contexto?

Conversando, recebendo, dando, falando sobre os hábitos deles, eles partilharem connosco, porque passa muito sentir. Tentamos falar, tentamos após a saída conversar com aquelas famílias que precisam de apoio, dar a atenção mais individualizada possível, o mais próximo possível. Por vezes a adaptação também depende muito da forma como os pais encaram a vinda das crianças para o jardim.

5. Quais as principais dificuldades que observa na adaptação das crianças ao jardim de infância?

É a separação, normalmente, até muitas das vezes há um caso por outro que é mais emotivo, é mais doloroso. Mas normalmente é na hora da separação é que há a crise e depois até estão muito bem durante a manhã, mas quando chega a hora do almoço, supostamente poderia haver uma quebra, no entanto essa parte, é muito complicada, muito difícil.

6. De que forma tenta integrar as crianças com maior dificuldade na adaptação?

É a atenção, o carinho, a paciência, compreender, valorizar o sentimento da criança, saber é fazê-la sentir que entendo o sofrimento dela e que estou ali para ajudar e disponível. Passa muito pela disponibilidade que se tem e a atenção individualizada é fundamental.

7. Como é que promove a independência das crianças desde o início?

Tudo aqui é pensado para que eles consigam fazer e resolver as coisas autonomamente. Primeiro está tudo ao nível deles, está tudo identificado com as fotos deles.

Quando querem algum material sabem onde está, os jogos estão também ao nível deles. E depois, logo no início, fazer uma apresentação da sala e ter uma rotina muito consistente.

Portanto, eles sabem prever o que é que vai acontecendo ao longo do dia e, isso também lhes confere confiança para arriscar e para saber. Portanto é ter uma consistência na rotina, ter tudo identificado, apresentar-lhes a sala logo no início, arrumar a sala com eles diariamente. Quando jogam ajudamos a arrumar nos sítios, mas são eles que vão fazendo e depois temos os mapas, que eles vão sistematizando diariamente as rotinas do arrumar e de ir buscar.

8. De que maneira são apresentadas as rotinas para ajudar as crianças a sentirem-se seguras e a compreenderem o decorrer do dia?

As rotinas são sempre as mesmas, eles sabem que quando chegam brincam um bocadinho, mesmo os mais pequeninos. Temos aqui uma criança que não fala, mas sabe exatamente o que tem de fazer, e logo muito cedo se apropriou dessa rotina. Ele por exemplo, não controla os esfíncteres, mas sabe que àquela hora é hora de ir à casa de banho e de ir lavar as mãos. Não faz, porque usa fralda, mas de qualquer modo muda-se a fralda nesse tempo e ele apropriou-se rapidamente, porque as rotinas são muito consistentes e todos os dias são trabalhadas. E eles sabem muito bem essa rotina. E temos mapas organizadores da vida do jardim, que também ajudam a relembrar as coisas.

9. Como lida com eventuais desafios ou resistências à adaptação por parte das crianças? Existem estratégias específicas para ajudar essas crianças? Quais?

A atenção individualizada, o falar, o conversar, procurar saber o que é que lhes agrada mais e investir nos primeiros momentos nos interesses daquela criança. Brincar com ela numa relação muito pessoal, muito íntima com um adulto, passa sempre por aí.

10. Há alguma avaliação contínua do processo de adaptação das crianças? Se sim, como é feito?

Fazemos a avaliação logo no início do ano. Antes até tínhamos construído materiais para fazer essa avaliação a nível do departamento de pré-escolar do nosso agrupamento, depois isso caiu e agora cada um utiliza as suas próprias estratégias. E passam por jogos, a observação da forma como jogam, como eles estão em atividades de grande grupo, a forma como interagem uns com os outros, tudo isso é registado. Esses registos são acompanhados no processo da criança e depois temos um portfólio que construímos onde vamos colocando trabalhos não só sugeridos por pelos adultos, como também da iniciativa da própria criança.

A forma como eles estão em grupo, como eles reagem às propostas, como escolhem os materiais, como se empenham é feita essa observação diária. Ao longo do ano vamos fazendo certas paragens, certos marcos onde é feito um registo, que depois no final do primeiro semestre e no segundo semestre, é entregue e comunicado às famílias.

Anexo V - Autorização de imagens

Caros Encarregados de Educação,

Somos alunas do Mestrado em Educação Pré-escolar no Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação e, para efeitos de recolha de dados para prossecução dos estudos, vimos pedir a autorização dos encarregados de educação dos alunos do grupo 2 para a captação de imagens em suporte digital (foto, som, vídeo) durante as atividades realizadas por nós.

As estagiárias.

Aluno/a	Encarregado de educação

Anexo VI - Categorização das entrevistas às educadoras
Tabela 4 - Organização do período de adaptação

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Organização do período de adaptação	Brincadeiras livres no exterior	"Ter atividades lúdicas e de brincadeira que se prendam com os seus interesses, que sejam muito abertas e feitas em espaços de exterior" (E1)	2
		"Algumas crianças detestam estar dentro da sala, ficam a sentir-se mal, por isso preferem estar na rua" (E2)	
	Sem planeamento restrito	"Sem ter a organização que vamos tendo ao longo do ano que será um pouco mais restrita." (E1)	1
	Horário flexível	"As crianças ficarem na escola não o período inteiro do dia, mas poder ser facilitado por pequenos dias ou pequenos momentos, caso os pais também possam colaborar nisso." (E1)	2
		"Nos primeiros dias poderão ficar um período menos longo e depois ir avançando" (E3)	
	Tratamento individualizado	"Para com os nossos pequeninos que temos de ter um cuidado especial, um tratamento mais individualizado" (E2)	1
	Adequação de estratégias	"Temos de adequar, com muito cuidado, pois é um período muito trabalhoso" (E2)	1
	Adaptação gradual	"Sensibilizamos as famílias para esse aspeto da adaptação e para a importância de o fazerem de uma forma gradual" (E3)	1
	Permitir um primeiro contacto	"Quando eles são daqui e vêm com a família deixar o irmão, também gostamos que eles possam entrar na sala, para começarem a ter um pequeno contacto" (E3)	1
	Feedback aos pais	"Depois vamos dando informação, acompanhando com os pais e falando à medida que as coisas decorrem de uma forma mais ou menos emotiva." (E3)	1

Tabela 5 - Procedimentos e práticas utilizadas para promover a adaptação

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Procedimentos e práticas utilizadas para promover a adaptação	Atividades livres e envolventes	"São vários os procedimentos que se podem aplicar: o brincar lúdico sem atividades muito estruturadas e atividades muito abertas e muito amplas (...)" (E1)	2
		"Não temos trabalhos específicos nem orientados, isto é, no brincar porque a socialização faz-se assim, de uma forma natural (...)" (E2)	
	Integração entre crianças adaptadas e não adaptadas	"(...) vão a pouco e pouco observando e vão-se envolvendo com as crianças que já estão mais adaptadas." (E1)	2
		"(...) envolvemos os mais velhos quase num trabalho de mentoria, ou seja, de serem mentores dos mais pequenos, para os ajudarem e eles gostam apercebendo-se que já estão crescidos." (E2)	
	Incutir regras aos poucos	"(...) tem de ser um trabalho com muita paciência e indo incutindo as regras dizendo-as aos poucos." (E2)	1
	Estar disponível e próxima	"(...) estar muito mais disponível, muito mais próxima, o que nem sempre é possível, uma vez que temos na sala podemos ter 25 crianças (...)" (E3)	1
Brincadeiras adulto-criança	"Um brincar mais a par connosco, um adulto e uma criança que nem sempre é possível." (E3)	1	

Tabela 6 - Colaboração com os pais

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Colaboração com os pais	Sinceridade na despedida	"(...) os pais têm de ter a atitude de dizer às crianças que elas vão ficar no Jardim de Infância e não devem mentir, não devem dizer que voltam já e na verdade não voltam logo." (E1)	1

	Horário flexível	"(...) facilitar para que os pais possam vir ao Jardim buscá-las mais cedo." (E1)	1
	Feedback aos pais	"(...) ser eu a transmitir aos pais que a criança ficou bem e que já parou chorar." (E1)	3
		"(...) vamos aos poucos vendo como é e vamos dando um retorno aos pais. Temos uma brochura que entregamos no início do ano, onde explicamos um bocadinho aos pais algumas dicas" (E2)	
		"Conversando, recebendo, dando, falando sobre os hábitos deles, eles partilharemos connosco, porque passa muito sentir." (E3)	
Tratamento individualizado	"Tentamos falar, tentamos após a saída, conversar com aquelas famílias que precisam de apoio, dar a atenção mais individualizada possível, o mais próximo possível." (E3)	1	

Tabela 7 - Principais dificuldades das crianças

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Principais dificuldades das crianças	Processo natural	"Mas este é um processo natural, não é um problema nem uma dificuldade, faz parte da natureza das crianças e das famílias que têm as suas ansiedades, os seus receios e os constrangimentos." (E1)	1
	Varia entre crianças	" (...) decorre sempre de um tempo, que sabemos que ele tem de existir e é diferente para cada criança." (E1)	2
		"Depende também da criança (...) há crianças que (...) rapidamente abraçam as regras e rotina (...)" (E2)	

	Socialização desafiadora	"As que têm um meio familiar diferente, que não brincavam com outras crianças, a socialização e a adaptação é um pouco difícil, pois é necessário dar muito colo, dar atenção, e depois, aos poucos vamos largando as amarras." (E2)	1
	Separação	"É a separação, normalmente, até muitas das vezes há um caso por outro que é mais emotivo, é mais doloroso." (E3)	1
	Almoço difícil	"(...) quando chega a hora do almoço, supostamente poderia haver uma quebra, no entanto essa parte, é muito complicada, muito difícil." (E3)	1

Tabela 8 - Integração de crianças maior dificuldade

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Integração de crianças com maior dificuldade	Oferecer escolhas	"Esta transição é dar oportunidade para que as crianças escolham o que mais lhes interessa e nos momentos em que nos apercebemos que está a ver ansiedade, devemos quebrar os tempos mortos com atividades que causem uma distração (...)" (E1)	1
	Especial atenção	"(...) vamos adaptando as situações que melhor vemos que se adequam ao grupo e dando uma especial atenção a essas crianças com maior dificuldade." (E1)	2
		"(...) valorizar o sentimento da criança, saber é fazê-la sentir que entendo o sofrimento dela e que estou ali para ajudar e disponível." (E3)	
	Estimular interações entre crianças adaptadas e não adaptadas	"É acarinhando e provocando, às vezes situações para ir brincar com outros mesmo que os outros não os queiram convidar, às vezes forçando um bocadinho, outras vezes não interferindo (...)" (E2)	1

	Varia entre crianças	"(...) depende da criança. Como disse, há crianças que demoram imenso tempo e há crianças que parece que se adaptaram e depois passado um mês fazem um grande choro." (E2)	1
--	----------------------	--	---

Tabela 9 – Promover a independência desde o início

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Promover a independência desde o início	Focar nos interesses	"Penso que é centrar as coisas nos seus interesses, no lúdico, no ambiente exterior e no ambiente que seja mais apelativo para as crianças." (E1)	1
	Horário flexível	"Se as dificuldades permanecerem quando existe uma estrutura familiar, é importante dizer às famílias para fazer a fase da adaptação por períodos (...)" (E1)	1
	Promover a autonomia	"Eu acho fundamental eles serem autónomos e, desde cedo que digo que têm de resolver o seu problema sozinhos, dizendo "tu és capaz de resolver". Primeiro vou ajudando, vou apoiando e depois vou largando, e eles já conseguem fazer sozinhos, mas é fundamental que comecem a ganhar esta autonomia, até mesmo na ida à casa de banho." (E2)	2
		"Tudo aqui é pensado para que eles consigam fazer e resolver as coisas autonomamente." "(...) Apresentar-lhes a sala logo no início, arrumar a sala com eles diariamente. Quando jogam ajudamos a arrumar nos sítios, mas são eles que vão fazendo (...)" (E3)	
Consistência na rotina	"(...) ter uma consistência na rotina (...)" (E3)	1	

	Mapas de sistematização	"(...) depois temos os mapas, que eles vão sistematizando diariamente as rotinas do arrumar e de ir buscar." (E3)	1
--	-------------------------	---	---

Tabela 10 - Apresentação das rotinas para que as crianças se sintam seguras e para que compreendam o dia a dia

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Apresentação das rotinas para que as crianças se sintam seguras e para que compreendam o dia a dia	Acolhimento de todas as crianças	"Começa logo pelo acolhimento em que integramos todas as crianças, mas libertamos, depois num espaço da sala ou, por vezes, poderá surgir no exterior já que setembro tem os períodos de bom tempo." (E1)	1
	Encorajar para a exploração da sala	"(...) atividades abertas com amplitude para que eles possam explorar a sala e os materiais que mais se interessam, nesta altura ainda não temos de ter aquela fase de rotina organizada." (E1)	1
	Criar momentos de socialização	"(...) pode haver um momento em que são chamadas a estar num grupo, a dialogarem, a cantarem/ouvirem música, a fazer jogos e neste momento estão aquelas que conseguem estar." (E1)	1
	Repetição dos momentos mais apelativos	"E depois vamos a pouco e pouco repetindo sequências que vemos quais são os momentos mais apelativos para as crianças." (E1)	1
	Organizar a sala segundo as preferências	"Também pode surgir uma sala que se vai organizando com a própria chegada das crianças e que se organize com o que elas querem desde a montagem dos espaços (...)" (E1)	1

	Consistência nas rotinas	"As rotinas são fundamentais, porque são securizantes e são apresentadas com a vivência das crianças (...). Temos de ser muito coerentes e muito disciplinadas, e eles gostam muito disso, porque se sentem seguros e sabem o que vem a seguir. (E2)	2
		"As rotinas são sempre as mesmas, eles sabem que quando chegam brincam um bocadinho, mesmo os mais pequeninos." (E3)	
	Mapas organizadores	"Temos mapas organizadores da vida do jardim, que também ajudam a relembrar as coisas." (E3)	1

Tabela 11 - Desafios ou resistências à adaptação

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Desafios ou resistências à adaptação	Trabalho individualizado	"Pode haver estratégias específicas que algumas crianças precisam até porque os jardins de infância atualmente, têm a situação da inclusão a todas as crianças." (E1)	2
		"A atenção individualizada, o falar, o conversar, procurar saber o que é que lhes agrada mais e investir nos primeiros momentos nos interesses daquela criança." (E3)	
	Equidade	"(...) tem de haver um atendimento a todos, independentemente das características que eles tenham e, pode passar por ir percebendo e falando em grupo dessas situações" (E1)	1
	Feedback aos pais	"Pode passar por uma situação em que temos de pedir ou temos de reunir com os pais, pode haver situações que não compreendemos porque é que surgem determinados desafios ou resistências (...)" (E1)	1

	Assertividade	"(...) necessário perceber o que pode e o que não pode fazer, contudo, por muito que não seja agradável para a criança estarmos a dizer que não pode ter determinado comportamento, quando ela o compreende temos de dizer que não e ser firmes no que dizemos." (E1)	1
	Adequar estratégias	"Não há estratégias específicas, com todos estes anos de serviço, tenho-me deparado com muitas situações. Por exemplo, com uma criança autista tenho de fazer de uma maneira, com uma criança que não fala ainda, tenho de fazer de outra forma" (E2)	1
	Brincadeiras adulto-criança	"Brincar com ela numa relação muito pessoal, muito íntima com um adulto, passa sempre por aí." (E3)	1

Tabela 12 - Avaliação contínua do processo de adaptação

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Frequência
Avaliação contínua do processo de adaptação	Registos	"São os registos, as nossas anotações escritas que fazemos a nível fotográfico ou pequeninos vídeos." (E1)	2
		"Estes registos são individuais, até o tempo que estamos com a criança a falar, vamo-nos apropriando do que eles gostam mesmo, das mudanças que houve em relação ao ano passado. Isto na linguagem, no verbalizar, nas escolhas, nas preferências." (E2)	
	Entrevistas às crianças	"(...) as entrevistas às crianças em determinados momentos (...)" (E1)	1
	Observação direta	"(...) uma observação sistemática em diferentes períodos com a mesma incidência em determinadas situações que eram desafiantes." (E1)	2
"Passam por jogos, a observação da forma como jogam, como eles estão em atividades de grande grupo, a forma como interagem uns com os outros, tudo isso é registado." (E3)			

	Não existe	"Só do processo de adaptação não há (...)" (E2)	1
	Avaliação diagnóstica	"Temos aquele mês de brincadeiras livres, de experimentar tudo, depois acaba o mês e vamos fazer uma avaliação diagnóstica (...)" (E2)	1
	Conversas com os pais	"(...) fazem parte dos processos individuais das crianças para falarmos com os pais, em que se vai aferindo, por exemplo, que cores é que eles sabem, se sabe contar, se sabem reconhecer algumas formas (...)" (E2)	1
	Portefólio construído com a criança	"(...) um portefólio que construímos onde vamos colocando trabalhos não só sugeridos por pelos adultos, como também da iniciativa da própria criança." (E3)	1
	Avaliações periódicas ao longo do ano	"Ao longo do ano vamos fazendo certas paragens, certos marcos onde é feito um registo, que depois no final do primeiro semestre e no segundo semestre, é entregue e comunicado às famílias." (E3)	1